



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**ARQUIVO E MEMÓRIA FOTOGRÁFICA:
MANIFESTAÇÕES POPULARES DA BAHIA
NO OLHAR DE SÍLVIO ROBATTO**

**Salvador
2013**

SONIA MARIA FERREIRA DA SILVA

**ARQUIVO E MEMÓRIA FOTOGRÁFICA:
MANIFESTAÇÕES POPULARES DA BAHIA
NO OLHAR DE SÍLVIO ROBATTO**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, ao Programa de Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zeny Duarte de Miranda.

Salvador
2013

S586

Silva, Sonia Maria Ferreira da Silva.

Arquivo e memória fotográfica: manifestações populares da Bahia no olhar de Sílvio Robatto / Sonia Maria Ferreira da Silva - 2013.
109f. il.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, 2013.

Orientadora: Prof^a Dr^a Zeny Duarte.

1. Arquivo pessoal-gestão da informação. 2. Fotografia-representação descritiva. 3. Fotografia-representação temática. I.
Título.

CDU 005.92

**ARQUIVO E MEMÓRIA FOTOGRÁFICA:
MANIFESTAÇÕES POPULARES DA BAHIA
NO OLHAR DE SÍLVIO ROBATTO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Informação, Universidade Federal da Bahia.

Salvador,

BANCA EXAMINADORA:

Zeny Duarte de Miranda - Orientadora _____
Doutora em letras e linguística, Universidade Federal da Bahia, Ufba, Brasil.
Pós-doutora, Universidade do Porto, Porto, Portugal e Universidade Federal da Bahia, Ufba, Brasil.

Egnaldo Barbosa Pellegrino - membro externo _____
Doutor em comunicação e cultura contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Ufba.
Pós-doutor em Economia - Università di Cagliari, Itália.

Francisca de Paula Santos da Silva - membro externo suplente _____
Doutora em educação pela Universidade de Coimbra, Portugal e Universidade Federal da Bahia, Ufba.
Pós-doutora, Universidade de Coimbra, Portugal e Universidade Federal da Bahia, Ufba.

Ana Paula Oliveira Villalobo - membro interno _____
Doutora em educação com interface em novas tecnologias da informação e da comunicação, Universidade Federal da Bahia, Ufba.

Aida Varela Varela - membro interno suplente _____
Doutora em ciência da informação, Universidade de Brasília, UnB.

Sou como a ave mitológica, pois quando pareço não ter mais forças, renasço das cinzas, incendeio a tudo e a todos com força e esperança. Esta força que nasce de dentro e se espalha, mostrando como não devemos desistir de nossos amores, ideais e lutas. Posso cair mil vezes, mas mil vezes irei levantar, das cinzas ressurgirei cada vez mais forte, cada vez mais dono de mim, e com certeza de que estarei a cada passo mais perto da felicidade (Odair Rodrigues).

**Dedico ao meu Pai, Francisco Ferreira da Silva.
(*in memoriam*).**

AGRADECIMENTO

A Deus agradeço pela minha existência.

À toda Espiritualidade pelas inspirações.

Aos meus Filhos Geo, Bruno e Jucinéia pela paciência e tolerância.

A minha Mãe, pela possibilidade da minha reencarnação.

A Lia Robatto, pela oportunidade, confiança, credibilidade e troca de informações.

Aos Colegas Fábio Gomes, Marivalda Araújo, Jucélia Santos, Jaíse Reis, Nice Vieira, Renato Carvalho, Bruna Gabriela, Eliana Trindade, pelo apoio e carinho.

À jornalista Symona Gropper, pela colaboração e gentileza.

A minha Orientadora Zeny Duarte, pelo incentivo e cooperação.

Aos Professores do ICI, em especial a Prof^a Kátia Rodrigues, pela colaboração, cooperação, amizade, carinho.

Aos Colegas de turma do mestrado, pelo apoio, enfim por todos os momentos que passamos juntos nestes últimos dois anos.

Aos funcionários da secretaria do PPGCI, Avelino Santos Nascimento Neto e Saint Clair de Castro Batista.

Aos funcionários da biblioteca do ICI, Urânia Araújo, Viviane Sepúlveda e Jussara Costa.

RESUMO

Pesquisa acerca da fotografia como fonte de informação para subsidiar pesquisas nas várias áreas do conhecimento. Universo pesquisado arquivo pessoal de Sílvio Robatto, arquiteto, fotógrafo e professor da Universidade Federal da Bahia. Esta figura insigne da inteligência da Bahia dedicou grande parte de sua vida a fotografar algumas temáticas referente à cultura baiana tais como : manifestações religiosas, populares e culturais (2 de julho, lavagem do Bonfim, carnaval, festa Iemanjá); arquitetura barroca; embarcações; arquitetura urbana da cidade de Salvador; espetáculo de dança e de teatro, que ocorreram em Salvador desde a década de 50. A arte de fotografar legou à família e à sociedade um rico acervo fotográfico que retrata a cultura baiana. Trata-se de documentação de imensa relevância que se encontra no anonimato e sem visibilidade. A partir desse arquivo fotográfico, apresentaremos pesquisa aplicada, descritiva, com abordagem qualitativa e elementos quantitativos, fundamentada na observação e análise do arquivo em foco. Como resultado, apresentamos estudos realizados na área da ciência da informação (CI) e da descrição arquivística, com proposta de modelo de metodologia a ser aplicada para representar a informação do documento fotográfico, de modo que possibilite a sua recuperação e disseminação.

Palavras-chave: Arquivo pessoal. Fotografia – fonte de informação. Arquivo fotográfico – descrição arquivística. Representação da informação – ciência da informação.

ABSTRACT

This research is about photography as a source of information to support research in many areas of knowledge. Universe researched of personnel file Silvio Robatto, architect, photographer and professor at the Federal University of Bahia. This outstanding figure of intelligence of Bahia devoted much of his life to photographing some issues concerning the Bahian culture such as religious events, and popular culture (July 2, Washing of Bonfim, Carnival, Party of Yemanjá); baroque architecture, craft, urban architecture of the city of Salvador, dance performance and theater, which occurred in Salvador since the 50s. His art of shooting left the family and society, a rich photographic collection portraying the Bahian culture. The documentation of his art is of immense importance and is anonymous and no visibility yet. From this photographic archive, we present descriptive applied research, with qualitative approach and quantitative elements based on observation and analysis of the file in focus. As a result, we present studies in the area of information science (CI) and the archival description as proposal of methodology model to be applied to represent the information of the photographic document in a way that facilitates their retrieval and of its dissemination.

Keywords: Photography - source of information; Personal Archive, Photographic Archives - Archival Description, Representation of Information - Information Science.

LISTA DE ABREVIATURAS

AAB	Associação dos Arquivistas Brasileiros
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CI	Ciência da Informação
CONARQ	Conselho Nacional de Arquivo
DBTA	Dicionário Brasileiro de Termos Arquivísticos
DIMAS	Diretoria de Audiovisual
FUNCEB	Fundação Cultural da Bahia
ICA	<i>International Council Archives</i>
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional
ISAAR (CPF)	<i>International Standard Archival Authority Records for Corporate Bodies, Persons and Families</i> - Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para Entidades Coletivas, Pessoas e Famílias.
ISAD(G)	<i>International Standard Archival Description (General)</i> - Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística
LD	Linguagem Documentária
MINC	Ministério da Cultura
NOBRADE	Norma Brasileira de Descrição Arquivística
OC	Organização do Conhecimento
OI	Organização da Informação
OSBA	Orquestra Sinfônica do Estado da Bahia
RC	Representação do Conhecimento
RI	Representação da Informação
SECULT	Secretaria da Cultura do Estado da Bahia
TCA	Teatro Castro Alves

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Arquitetura da cidade Salvador	71
Fotografia 2– Família Real da África em visita à Bahia	71
Fotografia 3 – Yanka Rudska Solo – Aula.....	72
Fotografia 4 – Lia Robatto – Lirismo	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Câmara escura	20
Figura 2- Visão binocular e percepção de profundidade	33
Figura 3 - Proposta conceitual de OC/RC e OI/RI	49
Figura 4 - Conhecimento, Linguagens Documentárias e Informação.	60
Figura 5- Organograma do arquivo	71
Figura 6 – Série Manifestação religiosa, popular e cultural – 2 de Julho	84
Figura 7– Série Manifestação religiosa, popular e cultural - Festa de Iemanjá	85
Figura 8– Série Manifestação Artística - Espetáculo de Dança - Candomblé	86
Figura 9– Série Manifestação Artística – Espetáculo de Dança – Lirismo	86
Figura 10 – Série Arquitetura Urbana – Cidade de Salvador	88
Figura 11– Série Patrimônio Cultural – Saveiros	89

LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

Gráfico 1– Relação das temáticas.....	68
Quadro 1- Pontos de vistas sobre a fórmula de Bookes	30
Quadro 2 – Conceitos referentes ao termo arquivo.....	42
Quadro 3– Conceitos de descrição arquivística	53
Quadro 4– Gênero fotográfico	68
Quadro 5– Relação de séries e subséries.....	73
Quadro 6– Arranjo do acervo robattiano	73
Quadro 7– Notação.....	82

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A FOTOGRAFIA : BREVE HISTÓRICO	20
2.1 PERCURSO HISTÓRICO DA FOTOGRAFIA	20
3 A FOTOGRAFIA À LUZ DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	27
3.1 INFORMAÇÃO FOTOGRÁFICA	27
3.2 A IMAGEM FOTOGRÁFICA NA GERAÇÃO DE CONHECIMENTO	29
3.3 COMUNICAÇÃO VISUAL	31
3.4 FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO	34
3.5 FOTOGRAFIA DOCUMENTAL E TESTEMUNHAL	37
3.6 FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO ARQUIVÍSTICO	38
4 ARQUIVO E ARQUIVO PESSOAL	41
4.1 BREVES REFLEXÕES	41
5 ORGANIZAR PARA INFORMAR	47
5.1 ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO	47
5.2 REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA	50
5.2.1 Normas de descrição arquivística	51
5.3 ANÁLISE DOCUMENTÁRIA	56
5.3.1 Indexação da imagem fotográfica	58
6 CAMINHO PERCORRIDO NA PESQUISA	61
6.1 PERCURSO METODOLÓGICO	61
6.2 LINHA DO TEMPO DE SÍLVIO ROBATTO	62
6.3 APRESENTANDO O ACERVO ROBATTIANO: DIAGNÓSTICO	66
6.4 REPRESENTAÇÃO DO ARQUIVO	70
6.5 DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA DO ACERVO	79
6.5.1 Identificação dos documentos	79
6.5.2 Indexação	80
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE I - Ficha de diagnóstico	99
APÊNDICE II - Roteiro guia	101
APÊNDICE III - Ficha de identificação	103
ANEXO I - Depoimento Prof.º Ubiratan Castro “coleção Sílvio Robatto”	105
ANEXO II- Autorização de Lia Robatto	107
ANEXO III - Depoimento de Sílvio Robatto	109

1 INTRODUÇÃO

“A fotografia não fala (forçosamente) daquilo que não é mais, mas apenas e com certeza daquilo que foi” (ROLAND BARTHES).

A imagem foi um dos primeiros meios de comunicação utilizados pelo homem para registrar o seu cotidiano. Ao longo do tempo essa prática foi se aperfeiçoando e, por volta do século XIX, surge a fotografia, método capaz de reproduzir a imagem no papel.

A fotografia como meio de comunicação tem o objetivo de registrar um fato, resgatar a história de um determinado acontecimento, de um povo. A fotografia é um importante instrumento de pesquisa que retrata o passado para ser mostrado no presente. Esse suporte passa a ser classificado como documento a partir do pós-guerra, período em que ocorre a revolução e explosão documental, momento em que o conceito de documento é ampliado, passando a ser representado por outros tipos de suporte além do papel. Conforme Kossoy (2001, p.31), a partir da revolução documental, o “[...] documento passou a ter um sentido mais amplo podendo ser representado pelo documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou por qualquer outra maneira.”

Na sociedade contemporânea, a imagem como informação torna-se cada vez mais presente, especialmente quando tratada adequadamente, descrita, indexada, conforme métodos e técnicas da organização e representação da informação. Os documentos fotográficos no cenário atual adquirem cada vez mais relevância como objetos de informação e memória.

Esse novo paradigma passa a auxiliar estudos relacionados às várias áreas do conhecimento, funcionando como importante fonte de pesquisa. A fotografia pode ser recolhida em qualquer uma das unidades informacionais tais como : arquivo, biblioteca e museu, fato que aproxima cada vez mais o suporte fotográfico da ciência da informação (CI). Os profissionais da informação nos últimos tempos têm desenvolvido estudos e adaptado teorias existentes na CI com a finalidade de organizar e disponibilizar para pesquisa esse tipo de suporte documental. Assim sendo, Rodrigues, 2011a, p. 35, diz que:

A ciência da informação estuda a informação tanto nos aspectos teóricos quanto nos práticos, englobando pesquisa científica e prática profissional. A prática, por sua vez, incluindo a organização, o armazenamento e a recuperação da informação.

A CI é uma ciência que abarca todas as expectativas que motivaram as inquietações e reflexão desta pesquisa, pois além de estudar o fluxo da informação, também prioriza a sua organização, recuperação e a disseminação.

A motivação em realizar este estudo deve-se à ansiedade que surgiu ao conhecer o arquivo pessoal do arquiteto e fotógrafo Sílvio Robatto que, ao longo de quase 50 anos, acumulou acervo fotográfico de grande relevância para a história sociocultural do estado da Bahia. O acervo está disposto em vários tipos de suportes fotográficos, a exemplo de: negativos, *slides*, fotos em papel, CDs, exemplares encadernados.

No primeiro contato com o acervo, foi observado, através de um diagnóstico, que o mesmo necessitava de uma política de gestão da informação. Essa política inclui a adoção de metodologias adequadas para o processo de planejamento, organização e controle da informação de forma a torná-la disponível, acessível, útil e, sobretudo, dar visibilidade a informação.

Nessa análise preliminar, foi constatado que, Sílvio Robatto teve o cuidado de classificar ao seu modo, parte do acervo por temáticas. A partir dessa tematização, observamos que o acervo possui eixos variados sobre os seguintes assuntos: cultura baiana, manifestações populares, arquitetura barroca das igrejas, projetos arquitetônicos de reforma de algumas instituições públicas da Bahia, arquitetura urbana da cidade de Salvador e de algumas outras cidades do estado da Bahia, fotos aéreas da Baía de Todos os Santos, embarcações (canoas, jangadas, saveiros), artesanato baiano, os primeiros espetáculos de dança e de teatro que ocorreram na cidade de Salvador na década de 50 do século passado, eventos estes que culminaram com a instalação do Curso de Dança e de Teatro na Universidade da Bahia, e algumas fotos da família Robatto e de amigos. Nas viagens realizadas, Sílvio Robatto fotografou um povoado da África retratando a cultura daquele povo. Em alguns registros fotográficos feitos por Sílvio nota-se a visita da família real do Senegal ao estado da Bahia na década de 70 do século passado.

Quanto à cronologia do acervo, a grande maioria das fotos não possui o período cronológico em que ocorreram os eventos por ele fotografados. Em conversa informal com Lia Robatto, a viúva de Sílvio, ela comentou que Sílvio não gostava de datar os seus trabalhos. Ainda segundo Lia, Sílvio começou a fotografar

e acumular este acervo desde a década de 50 do século passado até o ano de 2008, quando ocorreu o seu falecimento.

Esse acervo é classificado pela arquivologia como sendo arquivo pessoal, ou seja, os documentos fotográficos que fazem parte deste acervo foram acumulados pelo seu produtor ao longo da sua existência. Bellotto (2006, p.266) define arquivo pessoal como sendo um,

[...] conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, [...] pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para ciência, a arte e a sociedade.

Esta pesquisa se enquadra na área da CI, considerando que esta investigação foi fundamentada nos princípios estabelecidos pela arquivologia. A disciplina que é responsável por estudar meios para a organização, preservação, conservação, guarda de documentos produzidos, recebidos, acumulados por uma instituição pública ou privada, em qualquer tipo de suporte, respeitando a sua ordem original, formando dossiê para reunir conjunto de documentos que tratam do mesmo assunto.

Nos arquivos, a fotografia é tratada como documento permanente, compondo vários acervos, especialmente de pessoas e famílias. A fotografia é imprescindível ao resgate de informação comprobatória acerca de acontecimentos, estudos e pesquisas. Ainda são poucas, no Brasil as reflexões sobre a fotografia, sobretudo relacionadas com a arquivologia.

Esta investigação visa aprofundar estudos na área de descrição da informação fotográfica, e, especificamente, no que diz respeito a sua contextualização, tematização, objetivando transpor o visual para o escrito, com a finalidade de tornar acessível o acervo em foco aos mais variados estudos, tirando-o do ambiente doméstico/familiar e conduzindo-o a “publicização”.

Em décadas passadas o acervo investigado teve uma grande representatividade em exposições nacionais e internacionais. Após o falecimento do seu produtor esse acervo foi guardado em um gabinete da residência da família Robatto e esquecido, necessitando assim de uma política de gestão documental para torná-lo visível novamente.

Desse modo, surge o seguinte questionamento: de que forma os princípios teóricos e metodológicos utilizados pela ciência da informação (CI) podem auxiliar na disseminação e recuperação da informação, disponível em acervo fotográfico que se encontra no anonimato e sem visibilidade?

Os objetivos de uma pesquisa são os responsáveis em delinear o que se pretende alcançar com esta investigação estes são divididos em geral e específicos. O objetivo geral sintetiza o que se almeja atingir com a pesquisa e os objetivos específicos dão o desdobramento do objetivo geral, explicitando o que se pretende com a pesquisa.

O objetivo geral desta pesquisa é contribuir com estudos na área de organização e representação da informação arquivística, tendo como ponto de partida a descrição do documento fotográfico do acervo de Sílvio Robatto, segundo o que preconiza a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE). Quanto aos objetivos específicos que auxiliaram o objetivo geral elencamos os seguintes: a) discorrer sobre fotografia como documento e fonte de informação; b) investigar princípios de organização e representação da informação, aplicados a documentos fotográficos, com vistas a torná-los acessíveis para estudo e pesquisa; c) resgatar a memória fotográfica do acervo de Sílvio Robatto; d) sugerir modelo de instrumento de descrição arquivística que contribua para disseminação e recuperação de acervo fotográfico.

Esta dissertação está estruturada em sete capítulos, divididos da seguinte maneira: no capítulo primeiro, (Introdução) é apresentada a motivação do referido estudo, problematização da pesquisa, objetivos que nortearam a referida pesquisa. O capítulo segundo, é apresentado breve histórico acerca da fotografia, destacando a influência das revoluções industrial e tecnológica para evolução da fotografia, enquanto técnica e documento de memória em unidades de informação. O capítulo terceiro, discorrer sobre a informação fotográfica á luz da CI, a imagem fotográfica na geração de novos conhecimentos e a comunicação visual. O capítulo quarto, refere-se ao estudo conceitual dos arquivos, destacando o arquivo pessoal, levando em consideração a sua origem, especificidade e características. O capítulo quinto, trata dos conceitos de organização e representação da informação e do conhecimento, dando ênfase à representação descritiva e temática da informação. O capítulo sexto, é delineado o caminho metodológico percorrido para realização da pesquisa, apresenta-se a linha do tempo de Sílvio Robatto, o acervo Robattiano e os

resultados da pesquisa; O capítulo sétimo, são apresentadas às considerações finais, o alcance dos objetivos, a relevância da proposta apresentada nesta pesquisa e alguns pontos que podem ser explorados para futuros estudos.

2 A FOTOGRAFIA : BREVE HISTÓRICO

“Os alquimistas estão chegando, executam, segundo as regras herméticas desde a trituração, a fixação” (JORGE BEN JOR).

Neste capítulo, apresentaremos breve histórico acerca da fotografia, destacando a influência dos movimentos industrial e tecnológico na sua evolução enquanto técnica e documento de memória em unidades de informação. Para tanto, revisitamos conceitos e pensamentos de estudiosos com abordagens sobre a importância da fotografia como fonte de informação e memória.

2.1 PERCURSO HISTÓRICO DA FOTOGRAFIA

A invenção da fotografia está relacionada ao princípio da câmara¹ escura ou obscura, fenômeno descrito desde 384-332 a.C. por Aristóteles. Essa câmara consistia em uma caixa fechada que continha apenas um pequeno orifício e assim permitia, através deste, observar um objeto iluminado, o que possibilitava uma imagem invertida precisa do objeto observado. No século XIII, um fenômeno semelhante ao observado por Aristóteles foi descrito pelo inglês Roger Bacon.

Figura 1- Câmara escura



Fonte: <http://creativepictures-sz.blogspot.com.br/2010/04/camara-escura.html>

Contudo, desde a era pré-histórica, a imagem faz parte do cotidiano do homem, segundo Duarte (1996, p.89),

A integração da iconografia no processo de composição e de impressão do texto é anterior ao advento da fotografia quando as técnicas utilizadas eram a xilogravura, o talho-doce e a litografia. Porém, é na fotografia que encontramos a maior marca da mudança de hábitos e no conhecimento da linguagem visual. No século XIX,

¹ Conforme o Dicionário de Propaganda e Jornalismo, os termos “câmara” e “câmera” possuem o mesmo significado. Aparelho que registra a imagem de objetos, pessoas, panoramas ou quaisquer cenas, fixando-as em filmes [...] (1985, p. 70-71).

os processos fotográficos foram introduzidos pouco a pouco nas técnicas de impressão. Neste caso, citamos o exemplo da *photoglyptie* ou *woodburytype* (fotoclipitia), processo fotomecânico inventado por Woodbury, em 1864, com aspecto físico semelhante ao processo em carvão tendo uma imagem formada por uma cobertura de gelatina pigmentada. A *photoglyptie* foi correntemente utilizada durante o período de 1875 a 1900 na ilustração do livro, sobretudo de arte. A foto era colada no espaço previamente assinalado na página impressa, o seu advento foi anterior ao processo da fotogravura, também fotomecânico, inventado por Karel Klic em 1879, ainda utilizado nos dias atuais.

A fotografia surgiu no período industrial, momento em que o mundo, em especial a Europa, passava por várias inovações culturais, sociais e econômicas. Na Revolução Industrial surgem as primeiras fábricas, indústrias e máquinas a vapor, período marcado pela mecanização e automação dos sistemas de produção.

Essas invenções mudaram o contexto social, cultural e econômico da época. Surge, naquele momento, a sociedade industrial formada por bens tangíveis (máquinas, ferramentas) e trabalhadores especializados.

Nesse cenário de inovações, mudanças e transformações por que passava a sociedade da época, é criada a fotografia, fruto de várias pesquisas realizadas por alquimistas e químicos que, durante muito tempo, tentaram reproduzir a imagem no papel.

O advento da fotografia está ligado ao espírito positivista do mundo moderno, que ansiava em aprimorar e desenvolver novas técnicas no intuito de ampliar a utilização da imagem, torná-la mais precisa, imediata, o que não era possível através da imagem artesanal (pintura, quadros, desenhos, azulejos), ou seja, a fotografia nasce para atender às novas expectativas da sociedade da época.

Historicamente o palco da invenção da fotografia foi à França. A primeira fotografia em preto e branco, foi criada na França, tendo como responsável Joseph Nicéphore Niépce, físico e litógrafo. Após a morte de Niépce, o físico, autor e pintor Louis-Jacques-Mandé Daguerre apresenta processo de reprodução de imagem no papel à Academia de Ciências e Belas Artes, na França, que logo depois foi disponibilizado para a sociedade, este processo foi denominado daguerrótipo², esse processo é o responsável pela origem a 1ª fotografia industrial.

² Daguerrótipo – processo fotográfico que produz a imagem positiva. Método criado pelo francês Louis-Jacques-Mandé Daguerre (1787-1851).

Por outro lado, o aparecimento da fotografia na França no século XIX, relaciona-se com o mesmo período da propagação da filosofia positivista de Comte, impulsionada pelo conhecimento exato do mundo sensível. Esse conhecimento científico "desmistificador" invadiu o mundo da biologia (Darwin), da medicina experimental (Claude Bernard), da estrutura social (Marx), da Revolução Industrial, entre outros momentos de transformações nacional e internacional. De acordo com Martinez (2009, p.1), a partir da sua invenção, a fotografia,

[...] tornou-se uma das técnicas mais utilizadas para registrar os fatos do cotidiano como uma maneira de perpetuar a história das pessoas. A "mágica" de se ter os momentos capturados e preservados foi sendo uma prática comum e admirada.

Após a invenção da fotografia, os acontecimentos sociais, políticos, reuniões em família, viagens, entre outros eventos passaram a ser registrados através da foto. O homem começou a eternizar alguns momentos vividos, essa prática cada vez mais foi aumentando, com o passar do tempo as imagens passaram a estar presente nas mais variadas atividades da humanidade.

No Brasil os primeiros registros fotográficos datam do período compreendido entre os anos 1830-1833, quando durante expedição o pintor francês Antoine Hercules Romuald Florence, através do processo chamado de poligrafia³ fotografou a flora, fauna, os aspectos geográficos, etnográficos e botânicos brasileiros.

O processo da poligrafia desenvolvido por Hercules Florence no Brasil, aproxima-se dos processos fotográficos desenvolvidos na França. Deve-se a Florence também o pioneirismo no uso do termo *Photographie* e o verbo *Photographier* para nominar suas criações com material fotossensível, porém o reconhecimento dos inventos realizados por Florence só aconteceu no ano de 1976, período em que Bóris Kossoy apresenta ao Instituto de Tecnologia de Rochester (EUA) documentos que comprovam as invenções realizadas por Florence no Brasil (KOSSOY, 1980).

Os avanços tecnológicos ocorridos no final do século XIX e início do século XX contribuíram para a massificação da fotografia, que começa a ser utilizada em grande escala pela sociedade. Com a criação do *carte-de-visite* no ano de 1824, ocorreu uma grande mudança em relação ao retrato fotográfico, que começou a ser

³ Poligrafia – técnica de impressão utilizada para a fixação de imagem através da sensibilização da luz do sol e sais de prata.

reproduzido em série, contribuindo assim para democratização e popularização da fotografia, motivando o alto investimento das indústrias de equipamentos fotográficos em novos modelos de máquinas fotográficas, menores, leves, mas adequadas para o uso diário. Segundo Magalhães e Pelegrino (2004, p.16), “[...] a fácil assimilação pelas camadas populares fez da fotografia o meio expressivo mais difundido pela sociedade”.

Vale ressaltar que o pós-guerra auxiliou para que as tecnologias fossem impulsionadas, surgindo os primeiros computadores. Houve um grande avanço no que diz respeito às novas tecnologias da informação e comunicação, especialmente após a invenção dos microcomputadores, e do advento da *internet*⁴, rede mundial de comunicação que revolucionou várias áreas do conhecimento.

O desenvolvimento da tecnologia da informação e comunicação contribuiu para que a fotografia tomasse novo impulso, passando a ser utilizada em grande escala nos grandes jornais e revistas que circulavam pelo mundo, nas redes sociais, nas publicidades e como ilustração de livros . As fotografias passam a ser utilizada em processos judiciais e também em grande escala nas áreas da pesquisa, medicina, arquitetura, arqueologia, entretenimento, geografia, história, antropologia, e demais áreas. Ou seja, associado às novas tecnologias e à *Internet*, a fotografia tornou-se muito mais popular, e atualmente encontra-se inserida em vários segmentos sociais, culturais e históricos. Conforme Sontag (1981, p. 23), “[...] as sociedades industriais transformam seus cidadãos em viciados na imagem”.

O avanço tecnológico, principalmente na área de engenharia eletrônica, propiciou o surgimento e a evolução da fotografia digital. A era digital revolucionou a arte de fotografar. Os equipamentos digitais, por ter baixo custo, viabilizaram a aquisição de câmara digital, e esta na atualidade encontra-se conjugada aos aparelhos de celular e outros dispositivos móveis o que torna bastante popular o ato de fotografar.

As tecnologias da informação e comunicação (TIC) aliada à *web 2.0*, ou seja, a um sistema de informações ligadas através de hipermídia (hiperligações em forma de texto, vídeo, som e outras animações digitais), proporcionando a comunicação de pessoas ou grupos de pessoas e permite aos seus usuários a perspectiva de verem

⁴ Internet – rede mundial de computadores, é também composta dos provedores de acesso, servidores e outros componentes, o que permite a comunicação virtualmente entre todos, com acesso a numerosas fontes de informação, envio de correio eletrônico (*e-mails*), serviços comerciais[...] (IDICIONÁRIO AULETE, 2000?).

suas imagens na tela do computador pessoal. As TIC permite armazenar e compartilhar, por meio de diversos programas, fotos, textos, imagens, vídeos, possibilitando a criação de álbuns, galerias virtuais através de ferramentas desenvolvidas para esta finalidade.

A fotografia digital dispensa o processo de revelação e a visualização da imagem pode ser feita imediatamente através dos recursos específicos da câmara digital. Essa técnica aliada à tecnologia da computação e a *Internet* muito tem contribuído para a evolução dessa nova modalidade fotográfica incorporada aos novos sistemas informacionais, redes sociais, *websites*, novos modelos de câmaras digitais. Portanto, a fotografia digital assumiu um papel muito importante para sociedade. Esse suporte advém da evolução das tecnologias e da internet. Conforme Oliveira (2006, p.3),

[...] com o surgimento da câmara digital, no final dos anos 1980, todo o glamour conquistado pela fotografia analógica tende a entrar em declínio. A evolução dos equipamentos digitais aponta para o aniquilamento gradual da fotografia analógica.

A chegada da fotografia digital provocou uma ruptura entres os profissionais da imagem, principalmente na área do fotojornalismo, dando origem a três categorias de profissionais no mercado de fotografia: a primeira é formada por veteranos fotógrafos; a segunda composta por fotógrafos que vêm acompanhando a obsolescência gradativa da fotografia analógica e a terceira constituída por fotógrafos mais jovens que assistem ao nascimento da fotografia digital (OLIVEIRA, 2006).

Para Santaella e North (1998), existem três paradigmas no processo evolutivo da produção da imagem: paradigma pré-fotográfico, que são as imagens artesanais do tipo heliografia, xilogravura, pintura, gravura; paradigma fotográfico, que se refere à produção de imagem através da máquina de registro e a presença de objeto real, fatos existentes como por exemplo na fotografia e cinema; e paradigma pós-fotográfico, segundo o qual a imagem é produzida a partir do aparato computacional, imagem sintética ou infográfica.

A fotografia pertence ao segundo paradigma, ou seja, ao paradigma fotográfico descrito por Santaella. No que diz respeito à categorização realizada por Oliveira (2006), há a categoria dos fotógrafos que acompanham a obsolescência gradativa da fotografia analógica. Para que a fotografia materialize um

acontecimento, se faz necessário a existência de uma máquina fotográfica que registrará o fato, ou pessoa. Esse é um dos motivos que faz com que a fotografia seja considerada fonte de informação.

A forte presença da imagem na contemporaneidade deve-se à invenção da fotografia, pois essa técnica possibilitou ao longo do tempo o registro de acontecimentos de grande relevância para a memória cultural, social, familiar e política. Nos dias atuais, a presença da imagem relembra momentos vividos e auxilia a memorização de fatos históricos, políticos, entre outros, ocorridos no passado da humanidade, além de servir de apoio às ciências de uma maneira geral a exemplo das ciências da saúde, geografia, sociologia e arquitetura.

Para Jacques Le Goff (2003, p.460) a fotografia foi uma das manifestações mais importantes do século XIX, o seu aparecimento “[...] revoluciona a memória, multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica.” A fotografia é instrumento de apoio na ação de lembrar.

Kossoy (2001, p. 156) remete à importância das imagens documentais para as várias áreas do conhecimento, afirmando que:

[...] fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior.

A fotografia assumiu um papel muito importante para a construção da imagem, seja ela de cunho histórico, cultural, informacional, científico e pessoal. Esse dispositivo retrata a memória coletiva de um povo, cidade, ou acontecimento e ilustra vários tipos de eventos, e ainda é um suporte documental, que por ser polissêmico possui várias formas de interpretação.

Na ótica de um dos mais importantes pensadores da história da fotografia, Boris Kossoy (2001, p.26), a fotografia funciona como um meio de comunicação visual entre os homens. O autor pontua que:

[...] a partir da invenção da fotografia o mundo tornou-se de certa forma “familiar”, ou seja, o homem passou a ter conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica.

As imagens fotográficas preservam a memória visual de um povo, de uma sociedade, de um país. Conforme Kossoy (2001, p.105), “ [...] a imagem fotográfica nunca é posta em dúvida. Sua fidedignidade é em geral aceita a priori e isto decorre do privilegiado grau de credibilidade que a fotografia sempre foi merecedora desde o seu advento”.

Entretanto, nos dias atuais a credibilidade da fotografia está sendo colocada em dúvida, isto se deve a era digital que vivemos, através da tecnologia digital pode-se criar e recriar situações surreais e ainda acrescentar ou suprimir informações no documento fotográfico. Contudo, esse não é um privilégio único da era digital, por que desde o surgimento da fotografia analógica a manipulação e o retoque são técnicas usuais em laboratórios fotográficos (BARTHES, 1982).

Apesar da existência de vários programas de manipulação de imagem os quais podem modificar alterar, eliminar algumas particularidades inerentes à determinada fotografia, esta ainda é considerada uma importante fonte de informação.

Para a fotografia tornar-se uma fonte de informação confiável é preciso que haja a interferência do profissional da informação; bibliotecário, arquivista ou museólogo. Este profissional se encarregará em criar políticas para a preservação, conservação e organização da documentação fotográfica.

O tratador da informação⁵ fica responsável em realizar a leitura das imagens fotográficas, os quais darão subsídios para elaboração de resumos, descrição arquivística e indexação do documento fotográfico. Este profissional deve ter habilidade técnica e cognitiva a fim de facilitar o acesso à informação fotográfica.

⁵ Tratador de informação é um termo utilizado por Miriam Manine, para qualificar profissional responsável por descrever conteúdo informacional de documento imagético (MANINE, 2010, p. 12).

3 A FOTOGRAFIA À LUZ DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

“A fotografia é o caminho para a descoberta e, portanto, uma via para o conhecimento” (LUIZ HUMBERTO).

Este capítulo discorre sobre a informação fotográfica, a imagem fotográfica na geração de conhecimento e a comunicação visual no âmbito da ciência da informação, ou seja, produzida para suprir necessidades informacionais de cunho pessoal e institucional na busca por novos conhecimentos. Assim sendo, esta pesquisa discute e coloca em evidência a informação inscrita no documento fotográfico no contexto da ciência da informação (CI).

3.1 INFORMAÇÃO FOTOGRÁFICA

A informação por muito tempo foi representada pelo documento escrito. No início do séc. XX, o conhecimento científico começa também a ser representado por outros tipos de suportes documentais a despeito do documento fotográfico.

Ao longo do tempo, o termo informação vem sendo conceituado a partir de distintas vertentes, conforme a área do conhecimento ao qual ele está inserido. Revisando conceitos de Informação, os autores Silva (2006), Silva e outros (2009) e Le Coadic (2004) apresentam as seguintes definições:

[...] fenômeno humano social, que deriva de um sujeito que conhece, pensa, se emociona interage com o mundo sensível à sua volta e a comunidade de sujeito que comunicam entre si. Situa-se entre o conhecimento e a comunicação (SILVA, 2006, p.24).

[...] conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (signos e símbolos) e modelas [sic] com/pela interação social, passíveis de serem registadas [sic] num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e mult-direccionada [sic] (SILVA e outros 2009, p. 37).

[...] um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual. A Informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora etc. Essa inscrição é feita graça a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação (LE COADIC, 2004, p. 5).

A partir dessas revisões, pode-se afirmar que o termo informação é polissêmico e pode ser analisado a partir de dois eixos: informação não registrada e

registrada. Na perspectiva da informação não registrada, esta é transmitida oralmente de geração a geração, de indivíduo para indivíduo. O que possibilita afirmar que desde os primórdios da humanidade, o homem é um ser que sempre teve necessidade de produzir, transmitir, divulgar e trocar informação. A informação faz parte do cotidiano, como um fenômeno subjetivo que nasce na mente dos indivíduos. Shera (1977, p.2) pontua de forma pertinente ao afirmar que “[...] o indivíduo necessita de informações para que seu cérebro não se deteriore da mesma forma que as sociedades necessitam de provimento constante de informações para evitar a decadência”.

Já no segundo eixo, alguns autores definem informação a partir da perspectiva de uma representação de signos (linguagem) que associada a um significado (conceito) e a um significante (imagem acústica) objetiva transmitir uma mensagem. Essa mensagem é transmitida através de algum veículo de comunicação humana: impresso, digital, acústico ou visual, com a preocupação de eternizar momentos.

No eixo da informação registrada enquadra-se a apresentada em suporte fotográfico, possibilitando a construção de novos repertórios de conhecimento. A imagem reproduzida na fotografia seja ela autoral ou encomendada auxilia na constituição do passado, pois retrata e registra acontecimento, fato e cena passada, para serem revistas em momento futuro, revelando o valor documental da fotografia.

Apesar de o documento fotográfico estar adquirindo cada vez mais relevância como objeto de informação e memória no cenário contemporâneo, a prática do registro de informação através de imagens remonta à Pré-História. Primeiramente, como meio de comunicação visual, seguido do prazer de representar o belo ao seu redor, evoluindo do simples desenho rústico para a pintura.

O documento fotográfico é um invento que se originou a partir de estudos e pesquisas desenvolvidos por filósofos, cientistas, químicos, físicos, alquimistas e artistas que tinham como interesse fixar e reproduzir imagem no papel.

A fotografia, desde a sua invenção, exerce o poder de fascínio e atração. Através da sua linguagem ela se impõe para o público; por meio dela o homem se vê em sua plenitude (MAGALHÃES e PELEGRINO, 2004). O retrato fotográfico sempre foi considerado uma das manifestações da arte figurativa mais frequente na humanidade.

3.2 A IMAGEM FOTOGRÁFICA NA GERAÇÃO DE CONHECIMENTO


A necessidade de o indivíduo obter conhecimento o leva a procurar informação, esta materializa o conhecimento através do seu registro em qualquer tipo de suporte e ao ser devidamente documentado, organizado, descrito transforma-se em fonte de informação. Barreto (2007, p.27) pontua isso de forma contundente ao afirmar que o conhecimento:

[...], destino da informação, é organizado em estruturas mentais por meio das quais um sujeito assimila a “coisa” informação. Conhecer é um ato de interpretação individual, uma apropriação do objeto informação pelas estruturas mentais de cada sujeito.

A partir de uma breve observação, pode-se inferir que a construção do conhecimento perpassa por um processo cíclico e individual de cada ser humano.

Esse fenômeno foi bem representado por Bertram Bookes em uma equação proposta para a ciência da informação, que exemplifica a transformação e/ou evolução do conhecimento, bem exemplificada através da fórmula abaixo⁶. No estágio em que o indivíduo tem necessidade de novas informações para corrigir as suas deficiências ou anomalias de conhecimento, ele procura novas informações que resultará em um novo estado de conhecimento. Para melhor esclarecimento, conforme fórmula abaixo:

$$K(S) + \delta K = K(S + \delta S)$$



δI

Tomando como ponto de partida a fórmula de Bookes sobre construção do conhecimento, expõe-se abaixo um quadro com a análise de dois teóricos, Silva (2006a, p. 67) e Le Coadic (2004, p. 809),

⁶ Onde, K= conhecimento; S= estado anterior de conhecimento; δK = conhecimento acrescido; e δI = incremento da informação; δS = efeito dessa modificação no estado inicial de conhecimento (SILVA, 2006, p.26).

Quadro 1- Pontos de vistas sobre a fórmula de Bookes

Teóricos	Pontos de vistas
SILVA, 2006a, p.67	[...] a passagem de um estado de conhecimento $K(S)$ para um novo estado de conhecimento $K(S+\delta S)$, através de um acréscimo de conhecimento δK , extraído de um incremento de informação δI , indicando δS o efeito dessa modificação no estado inicial de conhecimento.
LE COADIC, 2004, p. 8-9	Nosso estado (ou nossos estados) de conhecimento a respeito de determinado momento, representado por uma estrutura de conceitos ligados por suas relações [...] Quando constatamos uma deficiência ou anomalia desse (s) estados (s) de conhecimento, encontramos em um estado anômalo de conhecimento. Tentamos obter uma informação ou informações que corrigirão essa anomalia. Disso resultará um novo estado de conhecimento.

Fonte: Silva (2006, p. 67) e Le Coadic (2004, p. 809)

Esta procura por nova informação gera novo conhecimento, que servirá de fio condutor para incremento de novos conhecimentos no estoque mental do indivíduo. É o que se pode denominar de acúmulo de saber, que ocorre quando a informação é compreendida e aceita pelo indivíduo, conforme a competência cognitiva de cada indivíduo.

Nesse contexto, pode-se afirmar que a fotografia exerce o papel informativo e histórico, pois, através dela se perpetua o passado, registram-se acontecimentos que nunca mais serão repetidos e que poderão servir de fonte de informação para construção de novos conhecimentos. Com relação ao papel informativo e histórico da fotografia, Kossoy (1989, p. 45) faz a seguinte reflexão,

[...] toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é citá-la em pelo menos três estágios muito bem definidos que marcam a sua existência. Em primeiro lugar houve uma intenção para que ela existisse; essa pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar o segundo estágio: o ato do registro de origem à materialização da fotografia. Finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por esta fotografia [...].

Portanto, as imagens fotográficas possibilitam conhecimentos de determinados locais, de manifestações culturais, além de outros seguimentos

temáticos, materializando as informações, tornando os acontecimentos imortais. Para que a informação fotográfica gere conhecimento, esta deve seja transmitida a outros indivíduos.

Entretanto, a informação precisa estar disponível em meios de comunicações confiáveis tornando-a acessível ao público, de modo organizado, preservado e descrito, para que ela seja disseminada cumprindo o seu papel informativo, documental e histórico.

3.3 COMUNICAÇÃO VISUAL

Para que a informação produzida, registrada, materializada seja devidamente transmitida para um grupo e absorvida por outro grupo, deve ser comunicada e comunicável.

A transmissão da informação é realizada através do processo de comunicação, este pode se dar através dos meios oral, escrito, visual, eletrônico, digital, e objetiva socializar a informação. Como pontua Gomes (2010, p.1),

[...] comunicar, representa o compartilhamento de informações no contexto de troca social que, em muitas situações, pode conduzir a uma negociação, de modo que essas informações sejam contextualizadas. Nesse processo há sempre uma intencionalidade e um caráter consciente das condutas permutadas.

Desse modo, a comunicação é um processo gerado por um ou mais indivíduos que têm como objetivo transmitir, compartilhar a informação. A comunicação é uma ação social responsável pela permuta e transmissão de informação, que pode se dar através dos meios oral, escrito, visual, eletrônico ou digital.

A comunicação para ser compreendida utiliza o signo linguístico. Este é concebido como um elemento representativo, constituindo-se de dois aspectos básicos: o significante e o significado, os quais formam um todo indissolúvel, onde o significante representa a imagem acústica e o significado o conceito (CARDOSO, 2006).

A primeira forma de comunicação desenvolvida pelo homem foi a oral e gestual. A associação de sons, gestos e ações, deu origem aos signos responsáveis pela significação das coisas. Estes podem ser representados por símbolos e sinais, responsáveis pela comunicação escrita.

Portanto, a fala foi um dos primeiros meios de comunicação experimentada pelo homem, só que este, logo descobre que a fala sozinha trocada com outros indivíduos e grupos, tornaria limitada a comunicação entre eles e não seria suficiente, então descobre os artifícios mnemônicos tais como: rimas, signos, som, para auxiliar na memorização de coisas que seriam passada de geração para geração (SHERA, 1977).

Os desenhos rupestres foram encontrados nas cavernas e serviam como meio de comunicação auxiliar utilizado pelos homens da caverna para representarem o seu cotidiano.

A evolução da comunicação visual deve-se à necessidade que homem tem por inovações, descobertas, a procura por novas informações. Devido a este espírito inovador, eles aperfeiçoam as imagens rupestres dando origem aos desenhos e pintura artística que, ao longo do tempo, evoluem para a fotografia fruto de várias pesquisas, estudos e diversas tentativas em reproduzir a imagem no papel. Conforme Shera (1977, p. 10), o processo de comunicação,

[...] veio quando o homem descobriu que era possível, por meio de alguma forma de registro gráfico, transcender espaço e tempo tornando-o independente da memória humana e do contato físico. Ele descobriu que poderia estender sua experiência registrando seus pensamentos sobre alguma substância ou matéria mais durável, e de uma forma mais exata do que na memória humana.

A descoberta do registro gráfico para auxiliar na comunicação foi um grande passo desenvolvido, pois a partir dessa invenção o homem passou a compreender que poderia deixar suas experiências registradas em algum instrumento mais seguro que a memória humana.

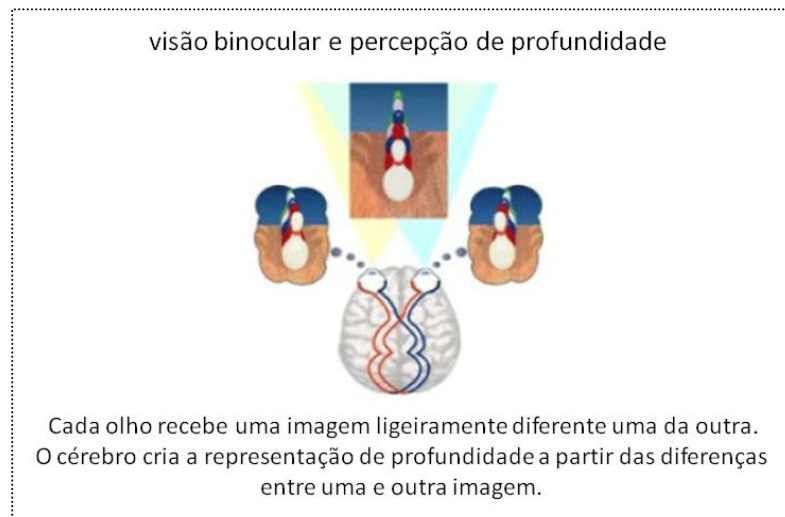
É importante destacar que o homem é um ser que desenvolveu bastante a sua percepção visual. Isso explica por que a imagem sempre esteve presente em sua vida, registrando seu cotidiano, fatos de cunho social, cultural, político, paisagem urbana e rural e a natureza. Esses aspectos mostram a importância da imagem fotográfica para a construção do conhecimento do homem sobre determinados acontecimentos ocorrido no mundo (KOSSOY, 2001).

Muitos estudos foram desenvolvidos no século XX sob a percepção humana, e todos afirmam que a visão é a percepção mais usada pelo homem. Santaella (1993, p.11) destaca que,

[...] pesquisas empíricas revelam que, provavelmente devido a razões de especialização evolutiva, 75% da percepção humana, no estágio atual da evolução, é visual. Isto é, a orientação do ser humano no espaço, grandemente responsável por seu poder de defesa e sobrevivência no ambiente em que vive, depende majoritariamente da visão. Os outros 20% são relativos à percepção sonora e os 5% restantes a todos os outros sentidos, ou seja, tato, olfato e paladar.

Logo, está explicado porque o homem sempre deu tanta ênfase à comunicação visual, pois a sua percepção visual é mais aguçada do que as outras percepções humanas. Para explicar a visão binocular⁷, apresentamos abaixo esquema ilustrativo.

Figura 2- Visão binocular e percepção de profundidade



Fonte: <http://www.photon3d.com.br/fundamentos.php>

Os olhos frontais visualizam os objetos de um ângulo ligeiramente diferente para cada um dos olhos. Essas imagens são transmitidas ao cérebro que se encarrega em gerar a representação de profundidade espacial com maior precisão, fornecendo a impressão de distância entre um objeto que está na frente e outro que se encontra mais ao fundo.

O avanço das tecnologias computacionais contribuiu para a criação de novas ferramentas que possibilitaram a produção e uso das imagens em maior escala, permitindo combinar texto, som e áudio com outros modos de comunicação.

Na contemporaneidade, a comunicação visual invade quase todos os espaços. As imagens fazem parte do nosso cotidiano, passando a auxiliar na disseminação de artigos de jornais, revistas, painéis de ruas, bulas de remédios,

⁷ Visão binocular – ocorre quando ambos os olhos são usados em conjunto. No homem, é o resultado da superposição dos campos visuais de cada olho.

panfletos de propaganda, divulgação da moda. Portanto, no mundo contemporâneo, a imagem fotográfica firma-se como um importante meio de comunicação.

3.4 FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

Estudo feito pela pesquisadora Lena Vânia sobre a clarificação de questões conceituais e de tradução de termos usuais na ciência da informação, mostra que o termo “fonte de informação” muitas vezes é substituído por “recurso de informação”. O primeiro termo é mais específico e mais utilizado na área da CI, enquanto o segundo, por ser mais amplo, abrange outros tipos de recursos. Ainda neste estudo, a autora categoriza as fontes ou recursos de informação em primária, secundária e terciária e propõe a adoção de uma nova categoria que seria a eletrônica.

Será destacado abaixo algumas reflexões conceituais sobre fonte de informação, conforme Araújo (2006), “[...] qualquer documento, dado ou registro que forneça aos usuários de serviços e unidades de informação, informações que possam ser acessadas para responder a certas necessidades”. Já para a Bireme (2011, p.1), “[...] qualquer recurso que responda a uma necessidade de informação dos usuários”.

Assim sendo, fonte de informação é qualquer recurso informacional, registrado em algum tipo de suporte e gere novos conhecimentos. A fonte pode ser livro, correspondência, dissertação, tese ou fotografia. Alguns autores classificam as fontes de informação em: primárias, secundárias e terciárias. Segundo Mueller (2000, p. 21),

Fontes primárias são geralmente aqueles produzidos com a interferência direta do autor da pesquisa, por exemplo, relatórios técnicos, trabalhos apresentados em congressos, teses e dissertações, patentes, normas técnicas e o artigo científico.

Fontes secundárias apresentam a informação filtrada e organizada de acordo com um arranjo definido, dependendo de sua finalidade. São representadas, por exemplo, pelas enciclopédias, dicionários, manuais, tabelas, revisões da literatura, tratados, certas monografias e livros-texto, anuários e outras.

Fontes terciárias são aquelas que têm a função de guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias. São as bibliografias, os serviços de indexação e resumos, os catálogos coletivos, os guias de literatura, os diretórios e outras.

As fontes de informações descritas estão relacionadas à área da pesquisa bibliográfica, pesquisa eletrônica e digital, da metodologia científica. Foi observada

que elas não tratam visivelmente do documento de arquivo, mas podemos inseri-las nesse contexto, já que estes documentos de arquivo funcionam como fonte de informação.

As fontes de informação relacionadas aos documentos de arquivos podem ser classificadas em dois tipos: valores primário e secundário, onde o primeiro valor trata da documentação de primeira idade (arquivo corrente e intermediário), e o segundo os de valor secundário, documentação informativa, histórica (arquivo permanente). Na arquivística, o valor documental é de extrema importância para o ciclo de vida do documento. Este é determinado no ato da avaliação documental, pois é a partir da avaliação que será determinado qual o documento de fins administrativos e o de pesquisa. No que diz respeito a esse assunto, o Arquivo Nacional (2001, p. 42) pontua que,

[...] avaliação constitui-se em atividade essencial do ciclo de vida documental arquivístico, na medida em que define quais documentos serão preservados para fins administrativos ou de pesquisa e em que momento poderá ser eliminado ou destinado aos arquivos intermediário e permanente, segundo o valor e o potencial de uso que apresentam para a administração que os gerou e para a sociedade.

No Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (DBTA), avaliação é definida como “[...] processo de análise de arquivos, visando a estabelecer sua destinação de acordo com os valores que lhes são atribuídos” (DBTA, 2005, p.41). Para Bernardes (1998, p.14), “[...] consiste fundamentalmente em identificar valores e definir prazos de guarda para os documentos de arquivo, independentemente de seu suporte. A avaliação deverá ser realizada no momento da produção, paralelamente ao trabalho de classificação, para evitar a acumulação desordenada [...]”.

Conforme as definições abordadas, avaliação documental é o procedimento que fixa o valor e o prazo de guarda do documento. Este processo determina o ciclo de vida do documento, estabelece também quais os documentos que devem ser preservados para fins de pesquisa.

Neste contexto, o documento fotográfico abordado nesta pesquisa é de valor histórico. É um documento que apresenta informações relevantes para a memória e história sociocultural do estado da Bahia, sendo classificado como documento permanente.

Apesar de a informação visual ser considerada como o mais antigo registro do conhecimento, a exemplo dos desenhos rupestres encontrados nas cavernas ao longo da história da humanidade, por muito tempo, a informação produzida foi registrada no documento escrito (textual), e apenas a partir da explosão informacional que a informação passa a ser armazenada em outros tipos de suportes além do papel como no suporte fotográfico, digital e eletrônico.

Para Sontag (1981, p.22), a imagem fotográfica passa a ser considerada como fonte de informação a partir do final do século XIX, a fotografia assim compreendida remete à análise de elementos que foram originados em determinado espaço-tempo, num dado momento. Para Maud (1996, p.5),

[...] as fotografias nos impressionam, nos comovem, nos incomodam, enfim imprimem em nosso espírito sentimentos diferentes. Quotidianamente [sic], consumimos imagens fotográficas em jornais e revistas que, com o seu poder de comunicação, tornam-se emblemas de acontecimentos.

A fotografia captura episódios de caráter social e político, guerra, paisagem urbana, do campo e a natureza. A fotografia eterniza o momento e contribui para a formação da memória visual, atualmente a imagem está cada vez mais presente na vida cotidiana. Como afirma Rodrigues (2007, p.75), “[...] o mundo de hoje é um mundo eminentemente imagético e que a fotografia é o seu representante maior, compondo com a escrita e o som a hipermediação⁸ da comunicação extensiva moderna”. Continuando, o autor afirma que,

[...] às imagens vincula-se a uma causa ou a uma finalidade específica, seja ela religiosa, política, ideológica, publicitária, educacional, informacional, ilustrativa ou artística, sempre com uma ligação às características sociais, culturais, religiosas e econômicas de cada sociedade ou grupo (RODRIGUES, 2007, p.69).

Com o advento da globalização em paralelo aos avanços da tecnologia da informação e comunicação (TIC), a fotografia vem ganhando espaço de destaque dentro das unidades de informação (biblioteca, arquivo, centro de documentação e museu) e passa a ser reconhecida como documento de relevante valor informacional. Na contemporaneidade é conhecido o valor documental da imagem

⁸ Consiste na combinação da informação em suas múltiplas dimensões: texto, imagem e áudio (RODRIGUES, 2007, p. 69).

fotográfica, ela auxilia no construto do conhecimento passado, retrata e registra cena passada para ser lembrada no momento presente e auxilia várias ciências.

A fotografia é, fonte de informação e como tal conquista espaço de importância em estudos e pesquisas em várias áreas do conhecimento, especialmente na CI, que é um campo do saber interdisciplinar que dialoga com outras disciplinas relativamente as que tratam o fluxo, a organização e a recuperação da informação.

A imagem fotográfica como fonte de informação torna-se cada vez mais presente no cotidiano, especialmente quando tratada adequadamente, descrita, indexada, conforme métodos e técnicas da organização e representação da informação nos mais variados acervos documentais.

3.5 FOTOGRAFIA DOCUMENTAL E TESTEMUNHAL

A fotografia nos primeiros momentos da sua criação foi vista como obra de arte – reconhecida como produção artística. Logo depois passa a ser utilizada como ferramenta de auxílio nas expedições realizadas entre os continentes, registrando as paisagens, povos, fauna a flora das regiões. Em seguida passa a ser aproveitada pelo fotojornalismo; pela imprensa, pelo seu valor informativo; utilizada pela polícia e nos inquéritos judiciais, reconhecida pelo seu valor de prova. Cada vez mais, a fotografia passa a ser inserida no cotidiano das pessoas. Sontag (1981, p.5) afirma que, “[...] determinada coisa que ouvimos falar, mas que suscita dúvidas, parecem-nos comprovadas quando dela vemos uma fotografia”.

As tecnologias da informação propiciam a disseminação, a socialização, e a relevância da fotografia, revolucionando a área da comunicação, das pesquisas científicas, do ensino e da informação sociocultural. Elas contribuem assim para a expansão e maior utilização da fotografia, ocasionando a sua popularização e o reconhecimento do seu valor documental. A imagem fotográfica foi expandida nos jornais e nas ilustrações de livros, sendo inserida em várias áreas da comunicação, da cultura e da ciência.

A fotografia denuncia, comprova e é utilizada como prova em inquéritos e investigações policiais. Conforme Nunes (2010, p. 56), “[...] as imagens podem ser usadas como “prova” para mostrar como as coisas são ou como determinados eventos ocorreram”. Através da fotografia pode-se recordar, identificar, recorrer a acontecimentos ocorridos no passado, pois a fotografia registra fragmentos do

passado. Segundo Kossoy (2001, p.28), “a fotografia é um intrigante documento visual cujo conteúdo a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções”.

Os registros fotográficos são utilizados como testemunho, prova, fonte de recordação e lembranças, pois a imagem ali registrada pode comprovar que determinado fato ocorreu. Fotografia é um traço de que “aquilo foi” fotografado, existiu, aconteceu em algum momento no tempo-espço, tem no referente seu maior e mais importante dado de existência e de definição. Kossoy (2001, p.55) nos remete à importância das imagens documentais para as várias áreas do conhecimento, quando assegura que:

[...] as imagens que contêm um reconhecido valor documentário são importantes para os estudos específicos nas áreas da arquitetura, antropologia, etnologia, história social e demais ramos do saber, pois representam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sociocultural. Trata-se da fotografia enquanto instrumento de pesquisa, prestando-se à descoberta, análise e interpretação da vida histórica.

A imagem fotográfica é possuidora de valor informacional, documental e histórico, gerando novos conhecimentos. A informação gerada, seja ela manuscrita, oral ou visual, deve não apenas informar, mas provocar o repensar o passado e o presente. A partir dessa reflexão, a informação organizada e compartilhada auxilia no processo de mudança do indivíduo, enquanto sujeito social relativamente à mudança do estoque informacional.

3.6 FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO ARQUIVÍSTICO

A fotografia contém amplas possibilidades de uso e, desde a sua invenção, vem sendo alvo de estudos nas diversas áreas do conhecimento. Muitos são os autores que a analisam e a incluem a título de ilustração em textos, algumas vezes científicos, outras vezes técnicos, históricos, artísticos, literários ou para simplesmente compreender resultados que somente podem ser alcançados por meio de imagens.

Segundo a teoria arquivística, a fotografia no âmbito dos arquivos, é classificada como documento de valor permanente e informativo. O que exige que o documento fotográfico passe pela etapa de avaliação documental.

O arquivo fotográfico deve ser preservado para a posteridade, recebendo tratamento de conservação para manter a sua longevidade, pela própria constituição do suporte apresentando-se mais susceptível ao desgaste e decomposição devido aos componentes químicos de sua formação e, no geral, do indevido manuseio, acondicionamento e armazenamento. Enquanto documento arquivístico, a fotografia é considerada documento de valor probatório⁹ e de valor informativo¹⁰, enquanto documento arquivístico.

A fotografia pode ser recolhida em qualquer unidade informacional: arquivos, bibliotecas e museus. Independentemente das particularidades para o tratamento desse suporte, essas instituições possuem objetivos comuns que é organizar, preservar e disseminar a informação.

A fotografia na perspectiva da arquivologia é considerada documento iconográfico ou documento fotográfico. As definições para esses conceitos no DBTA (2005, p. 68), são: “documento iconográfico gênero documental integrado por documentos que contêm imagens fixas, impressas, desenhadas ou fotografadas e gravura”, já “documento fotográfico” é tido “como fotografia em positivo ou negativo”.

Na arquivologia o documento é reunido conforme a sua espécie, ou seja, seu tipo e gênero documental. Portanto, a fotografia é classificada como documento especial, esse definido pelo DBTA (2005, p.67) com sendo,

[...] documento em linguagem não-textual, em suporte não convencional, ou, no caso de papel, em formato e dimensões excepcionais, que exige procedimentos específicos para seu processamento técnico, guarda e preservação, e cujo acesso depende, na maioria das vezes, de intermediação tecnológica.

No arquivo a fotografia é tratada a partir do conjunto documental a que pertence, respeitando princípio da organicidade e unicidade.

Desde a sua invenção a fotografia funciona como instrumento dilatador da memória humana, pois através da imagem fotográfica pode-se reconstruir e resgatar fatos históricos, sociais, culturais e auxiliar nos diversos estudos das várias áreas do conhecimento. A fotografia é um documento de arquivo, pois a imagem fotográfica como fonte de lembrança e recordação registra uma ou várias informações

⁹ Valor probatório – valor intrínseco que permite a um documento de arquivo servir de prova legal. Também denominado de valor permanente (BRASIL, 2005, p.162).

¹⁰ Valor informativo – valor que um documento possui pelas informações nele contidas, independente de seu valor probatório. (IDEM, p.161).

passadas. A fotografia para cumprir o seu papel documental necessita ser preservada, descrita, organizada, pois a informação registrada em qualquer tipo de suporte deve está armazenada em alguma unidade informacional que ficará responsável em controlar, preservar, organizar e disponibilizar a informação para a pesquisa.

4 ARQUIVO E ARQUIVO PESSOAL

Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência (ARTIÈRES, 1998).

Este capítulo é dedicado ao estudo conceitual dos arquivos em especial o arquivo pessoal, levando em consideração sua origem, especificidade e características. Nesse sentido, serão citados autores clássicos da arquivística brasileira e internacional. Daremos destaque a estes assuntos, pois a pesquisa é voltada ao estudo da série¹¹ fotográfica do arquivo pessoal Sílvio Robatto, arquiteto, fotógrafo, que ao longo da sua existência, dedicou parte da sua vida a fotografar manifestações culturais da Bahia, o que rendeu um acervo fotográfico de grande relevância sociocultural para o Estado.

4.1 BREVES REFLEXÕES

O arquivo como instituição, teve origem nas antigas civilizações, data de mais de 6 mil anos de existência. As primeiras civilizações se comunicavam por meio de imagens, desenhos rupestres. Porém, esse tipo de representação não satisfazia todas as necessidades do homem. Impulsionados por novas descobertas e aperfeiçoamento dos meios de comunicação, por volta de 400 a.C, os povos mesopotâmios, os sumérios inventaram a escrita.

A partir da invenção da escrita, do registro da informação através de símbolos alfabéticos e numéricos, os governantes da época começam a produzir, gerar os documentos de cunho administrativos, judiciais e legislativos. À medida que o homem se organizava socialmente sentiu a necessidade de manter os documentos organizados, surgindo assim o arquivo. Os primeiros arquivos surgiram de forma natural nos templos e palácios, com o propósito de guardar e preservar os documentos governamentais e eclesiásticos.

O termo arquivo originou da palavra *archives*, de origem grega, que designava o lugar onde os magistrados de Atenas guardavam os documentos de maior interesse para o Estado. Segundo Paes (1986, p.19), “[...] a palavra arquivo teve origem na antiga Grécia, denominação *arché*, atribuída ao palácio dos magistrados. Daí evoluindo para *acheion*, local de guarda, depósito dos documentos”.

¹¹ Série – subdivisão do quadro de arranjo que corresponde a uma sequência de documentos relativos a uma mesma função, atividade, tipo documental ou assunto (BRASIL, 2005, p.153).

A evolução dos sistemas arquivísticos acompanha o desenvolvimento da sociedade. Na Idade Antiga, a Civilização Romana cria os primeiros arquivos centrais e pessoais (arquivos dos governadores da província). Na Idade Média acontece a divulgação e a solidificação dos arquivos, neste período os arquivos passam a ser vistos como espaços ou serviços responsáveis na guarda e preservação da memória pública e institucional.

Ainda na Idade Moderna, surgem os arquivos reais – chamados de tesouro dos reis, e também os arquivos notariais organizados. A contemporaneidade, época em que ocorreu a Revolução Francesa, foi um período de grande importância para a arquivologia. Nessa ocasião é criado o princípio do respeito pelo fundo¹², princípio que foi seguido por vários países da Europa. Em 1839 é editado o “Manual dos Arquivistas Holandeses”. Este momento é marcado por uma nova era para arquivística, os arquivos passam a ser abertos ao público. Outro acontecimento importante a ser destacado na época é o reconhecimento da arquivologia como ciência moderna.

Destacamos algumas reflexões da literatura sobre o termo arquivo que pode se referir tanto a um conjunto de documentos quanto à instituição que o armazena e preserva documentos gerados por pessoa física ou jurídica como prova documental, histórica.

Quadro 2 – Conceitos referentes ao termo arquivo

Teóricos	Reflexões
SCHELEMBERG, T.R. 2006, p. 41.	Os documentos de qualquer instituição pública ou privada que hajam sido considerados de valor, merecendo preservação permanente para fins de referências e de pesquisa e que hajam sido depositadas ou selecionadas para depósito, num arquivo de custódia permanente.
Dicionário brasileiro de terminologia arquivística, 2005, p. 19.	Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte.
Lei, 8.159, de 08 de janeiro de 1991.	Art. 2º Consideram-se arquivos, para os fins desta lei, os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos.

Fonte: SCHELEMBERG, T.R. (2006, p. 41); Dicionário de terminologia arquivística, (2005, p. 27); Lei, 8.159, de 08 de janeiro de 1991.

¹² Fundo - conjunto de documentos de uma mesma proveniência. Termo que equivale a arquivo. (BRASIL, 2005, p. 87)

Conforme os conceitos citados, a essência de um arquivo é o documento apresentado em qualquer tipo de suporte. Os documentos de arquivos obedecem aos princípios: da proveniência¹³, da organicidade¹⁴, da unicidade¹⁵, da indivisibilidade¹⁶ e da cumulatividade¹⁷, estes princípios diferenciam o documento de arquivo das outras ciências documentárias.

Documento é a materialização, o registro da informação em algum tipo de suporte tais como: tábuas, tabletes de argila, pele, papiro, pergaminho, papel, digital, eletrônico. Através do papel a escrita foi aperfeiçoada, ocasionando o surgimento de vários tipos documentais e dos arquivos como instituição responsável pela guarda, organização e preservação da produção documental. À medida que a sociedade foi evoluindo, novos tipos documentais foram criados. Surgem novos tipos de instituições e os arquivos foram divididos em públicos e privados: os primeiros ficam responsáveis pela guarda, organização e preservação dos documentos produzidos e recebidos pelas instituições públicas; os arquivos privados responsáveis pela guarda, organização e preservação dos documentos produzidos e recebidos pelas instituições particulares, pessoas, famílias, instituições religiosas, jurídicas, sindicatos, associações, entre outras.

Nesta dissertação, será analisado o arquivo pessoal de Sílvio Robatto, ou seja, a documentação fotográfica acumulada por Sílvio ao longo da sua existência e classificada como privada, pessoal.

Nesta perspectiva esta pesquisa se enquadra na área da CI, considerando que está fundamentada nos princípios da arquivologia. A arquivologia é a disciplina responsável por estudar meios para a organização, preservação, conservação, guarda do documento produzido, recebido, acumulado por uma instituição pública ou privada, pessoa ou de família, em qualquer tipo de suporte, respeitando a ordem original e formando dossiê no intuito de reunir conjunto de documentos que tratam do mesmo assunto.

¹³ Princípio básico da arquivologia segundo o qual o arquivo produzido por uma entidade coletiva, pessoa ou família não deve ser misturado aos de outras entidades produtoras. Também chamado princípio do respeito aos fundos (BRASIL, 2005, p. 136).

¹⁴ Relação natural entre documentos de um arquivo em decorrência das atividades da entidade produtora. (Idem, p.127).

¹⁵ Qualidade pela qual os documentos de arquivo, a despeito da forma, espécie ou tipo, conservam caráter único em função de seu contexto de origem (IBELLOTTO, 2002, p.23).

¹⁶ Característica que deriva do princípio da proveniência, segundo a qual um fundo deve ser preservado sem dispersão, mutilação, alienação, destruição não autorizada ou acréscimo indevido (Idem, p. 24).

¹⁷ O arquivo é uma formação progressiva, natural e orgânica. (Idem, 2002, p. 21).

Os arquivos privados começaram a ser incorporados nos depósitos do Estado no séc. XVIII, período marcado por vários adventos políticos e sociais ocorridos na sociedade, a exemplo da Revolução Francesa, movimento considerado um marco para a arquivística e a história dos arquivos. Registra-se, neste momento, o surgimento do arquivo nacional, que ficava responsável pela guarda da massa documental produzida pelas instituições públicas e também pela documentação produzida pelo clero e nobreza os arquivos privados.

Para solucionar os problemas advindos do agrupamento de vários fundos em um mesmo arquivo, surge a necessidade de se criar critérios específicos para a guarda desta documentação. Para resolver esta problemática, no séc. XIX, é publicado o manual dos arquivistas holandeses, que contribuiu para a afirmação da arquivística. A função principal do arquivo é alterada a partir da Revolução Francesa, que passa a ser a de preservar e tornar acessível para os cidadãos à informação neles custodiada, incluindo arquivos recebidos de outras pessoas ou instituições que não o Estado.

Apesar de todos os esforços de estudiosos na área da arquivologia, por muito tempo a documentação arquivística ficou pautada na preservação dos documentos administrativos de caráter público. A preocupação do Estado em preservar a memória advinda dos fundos de proveniência privada é um assunto bastante novo no Brasil.

Entende-se por arquivo privado toda documentação produzida, recebida por pessoa física ou jurídica, no decorrer da sua existência, podendo ser classificados como de empresas, eclesiásticos, pessoais, sindicatos, associações, entre outros.

A Lei nº 8.159, de 08 de janeiro de 1991, que dispõe sobre política de arquivos públicos e privados e dá outras providências, mantém um capítulo dedicado ao arquivo privado e define este como: “[...] conjuntos de documentos produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência de suas atividades”. Já o DBTA (2005, p. 27), define-o como, “[...] entidade de direito privado, família ou pessoa. Também chamado de particular”.

Os arquivos privados podem ser considerados de interesse público. Para atestar isso, revisitamos o artigo 12º da Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que diz: “os arquivos privados podem ser identificados pelo Poder Público como de interesse público e social, desde que sejam considerados como conjuntos de fontes

relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional” (BRASIL, 1991, p. 1).

Para Duarte (2005, p.33), esse tipo de arquivo “[...] se concretiza na medida em que o titular passar a agrupar documentos resultantes de conjuntos de atos, em concordância com o seu modo de vida”. Desse modo, o arquivo pessoal, é também denominado de arquivo privado, particular. Além desses, são denominados também como arquivo privado os arquivos eclesiásticos, de associações, de sindicatos, entre outros.

Entretanto, a formação de um arquivo pessoal não é só mérito de alguns indivíduos com passado representativo. Todo indivíduo ao longo da sua vida, acumula vestígios da sua existência que testemunham acontecimentos pessoais e profissionais através dos mais variados tipos de documento tais como: recibos, correspondências, diário, diplomas, certificados, cartões postais, fotografias, documentos esses que traçam a trajetória do seu titular.

Outros autores definem arquivo pessoal. Destacamos as seguintes definições:

[...] são conjuntos documentais, de origem privada, acumulados por pessoas físicas e que se relacionam de alguma forma às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados por essas pessoas, ao longo de suas de vidas (FGV-CPDOC).

[...] são papéis ligados à vida familiar, civil, profissional e à produção política e/ou intelectual, científica, artística, de estadistas, políticos, artistas, literários, cineastas, etc. Enfim, os papéis de qualquer cidadão que apresentem interesse para a pesquisa histórica, trazendo dados sobre a vida cotidiana social, religiosa, econômica, cultural do tempo em que viveu ou sobre sua própria personalidade e comportamento (BELLOTTO, 2007, p.256).

O arquivo pessoal é formado a partir do acúmulo de documentos produzidos e recebidos pelo seu titular, que constituem seu acervo documental ao longo de sua existência, formados por um conjunto de informações e representando atividade profissional e modo de viver do titular.

Conforme Duarte (2005, p. 33), “[...] nesses arquivos, é comum encontrarmos documentos que enaltecem a imagem do titular e de seus pares, permanecendo camuflada a avaliação de seus deslizos, falhas, receios, erros e defeitos”. A citada autora faz a seguinte reflexão “o arquivo guarda a memória do titular e a de seu tempo para as gerações futuras, podendo contar muito mais do que imagina”. Artières (1998, p. 2) diz que “[...] passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas:

arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros”.

A documentação guardada por uma pessoa é formada por vários documentos registrados em diversificados tipos de suporte, objetos, que configuram o estilo de vida social, familiar, profissional, do seu titular. Esse tipo de arquivo é preservado como fonte de testemunho e pesquisa para gerações futuras.

Os arquivos são denominados como públicos ou privados, classificados por idade ou fase: corrente, intermediário e permanente. O arquivo pessoal pertence à idade permanente, ou seja, diz respeito à fase informativa, histórica, comprobatória.

5 ORGANIZAR PARA INFORMAR

“A linguagem é a roupagem do pensamento” (SAMUEL JOHNSON).

Neste capítulo, são apresentados os conceitos de organização e representação da informação e do conhecimento, dando ênfase ao objeto desta pesquisa representação, organização e descrição temática da informação fotográfica.

5.1 ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

O homem sempre procurou organizar o mundo à sua volta, inicialmente, através da categorização dos objetos materiais daquela realidade e, posteriormente, das ideias e componentes imateriais que colaboravam com a construção do conhecimento adquirido e transformado durante séculos de evolução da humanidade. A tarefa de organizar e classificar coisas e ideias são intrínsecos ao homem, pois se referem ao processo mental de agrupamento de elementos com características comuns. Na antiguidade as unidades informacionais formavam uma mesma entidade que tinha como função organizar, preservar e armazenar os documentos.

A representação é um ato inerente ao homem. Na idade antiga através da pintura rupestre este deixou o seu legado bem representado, ou seja, por meio de símbolos, de desenho ele descreveu o seu cotidiano.

A época moderna foi marcada pela invenção da imprensa. Esse acontecimento contribuiu para o aumento da produção do conhecimento científico e técnico registrado em suportes variados e pelo desencadeamento da revolução científica e da explosão informacional. O crescimento exponencial da informação gerou preocupação para alguns pesquisadores europeus e estadunidenses, relativo ao controle, organização e acesso a informação científica e técnica produzida pela humanidade.

No intuito de solucionar problemas advindos da explosão documental e/ou informacional, pesquisadores criam novas ferramentas para solucionar questões relacionadas à organização e representação da informação. A primeira bibliografia criada por Konrad Gasner, incrementando ao longo do tempo a criação de vários instrumentos bibliográficos que tinham como objetivo assegurar o controle, organização e centralização da produção da informação e do conhecimento.

Para a ciência da informação, o que seria “organizar e representar a informação e o conhecimento?”, existem vários estudos voltados para responder esta questão, com destaque para o conceito desenvolvido por Brascher e Café (2008, p.5) que conceitua a organização da informação e organização do conhecimento como sendo,

[...] processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O produto desse processo descritivo é a **organização da informação (OI)**, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico, enquanto que a **organização do conhecimento (OC)** “visa à construção de modelos de mundo que se constituem em abstrações da realidade” (grifo nosso).

As autoras citadas complementam, afirmando que esses dois processos produzem, conseqüentemente, dois tipos distintos de representação, a saber,

[...] a **representação da informação (RI)**, compreendida como o conjunto de atributos que representa determinado objeto informacional e que é obtido pelos processos de descrição física e de conteúdo, e a **representação do conhecimento (RC)**, que se constitui numa estrutura conceitual que representa modelos de mundo (grifo nosso) (BRASCHER; CAFÉ, 2008, p. 6).

Conforme os conceitos elencados, o primeiro traça as funções da OI e da OC, enquanto o segundo delimita área de atuação da RI e da RC. Como aporte teórico para a nossa pesquisa, serão adotados os conceitos desenvolvidos pelas autoras Brasher e Café. Para essas autoras, a OI tem como função a descrição física e de conteúdo do objeto informacional¹⁸ vislumbrando a recuperação da informação. A RI se refere ao produto final desta descrição. Como afirmam Brascher e Café (2008, p. 5), para que o processo de organização da informação alcance o êxito desejado faz-se necessário realizar a descrição da informação. A RI é o conjunto de características que identificam o conteúdo de determinado objeto informacional, assim sendo, o objeto da OI é o registro físico da informação.

Já a OC tem a ver com a cognição, objetiva representar o conteúdo semântico da informação, através da elaboração de resumos, indexação e classificação do objeto informacional. Conforme Brasher e Café (2008, p.6), a organização do conhecimento é o processo que envolve,

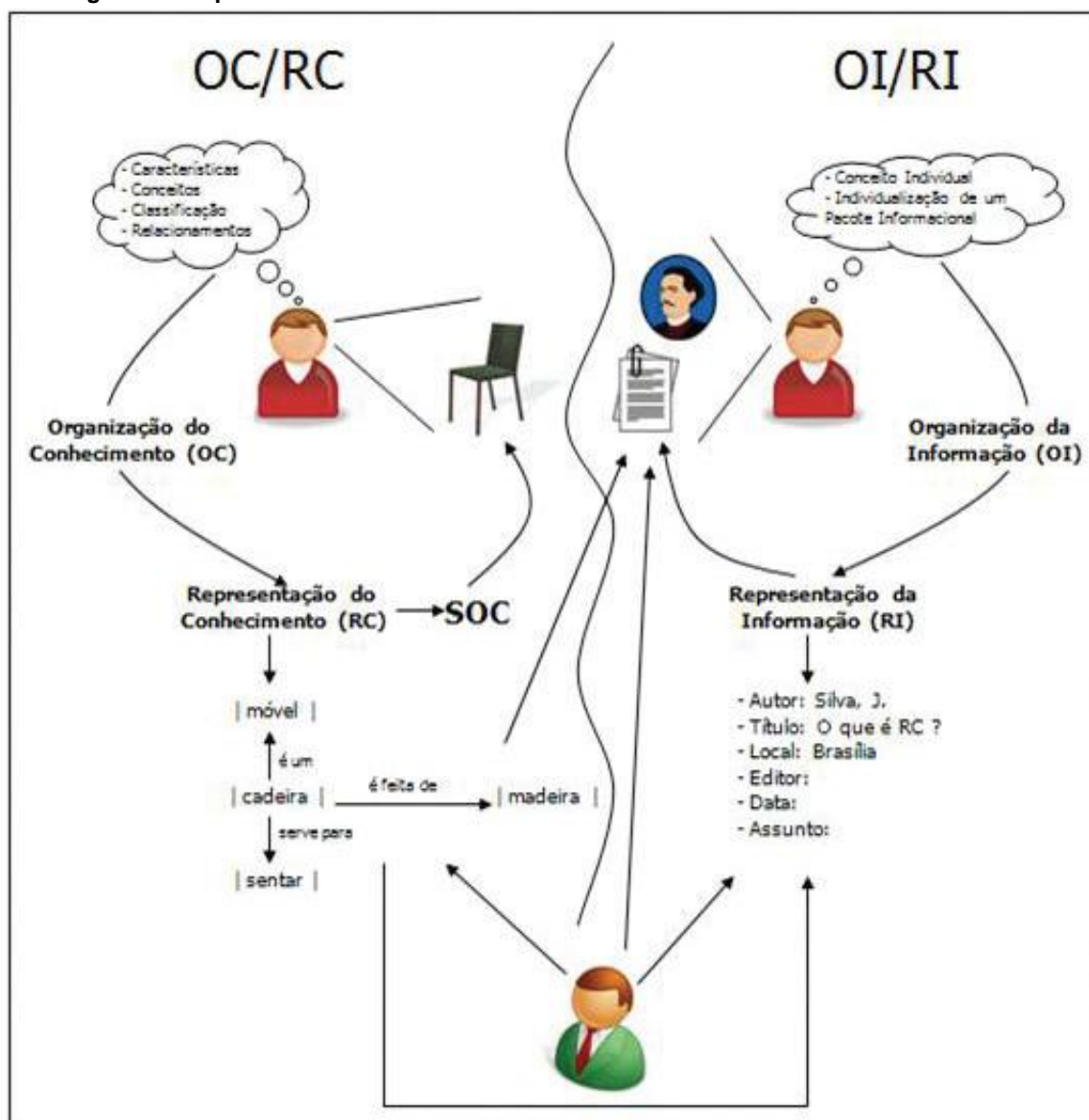
¹⁸ Termo adotado por Café e Brasher para designar a informação registrada, que inclui, dentre outros, textos, imagem, registros sonoros, representações cartográficas e páginas web. (BRASHER; CAFÉ, 2008, p.5).

[...] análise de domínio e procura refletir uma visão consensual sobre a realidade que se pretende representar. A representação do conhecimento reflete um modelo de abstração do mundo real, construído para determinada finalidade.

A OC e a RC, se preocupam em realizar a descrição abreviada do conteúdo do objeto informacional. Para Dahlberg (1993, p. 211), a OC,

[...] estrutura e organiza sistematicamente unidades do conhecimento (conceitos) segundo seus elementos de conhecimento (características) inerentes e a aplicação desses conceitos e classes de conceitos ordenados a objetos/assuntos.

Figura 3 - Proposta conceitual de OC/RC e OI/RI



Fonte: Bräscher e Café (2008, p.7)

As autoras através da figura acima descrevem a OC/RC e OI/RI. A OI é o processo responsável em realizar a descrição física dos objetos informacionais, e

tem como resultado final a representação da informação, ou seja, a descrição de um conjunto de elementos que descreve especificamente o objeto informacional. Estas ações se diferenciam da OC/RC processo que se incube em descrever a parte cognitiva, a ideia, dos objetos informacionais, que tem como princípio elementar o conhecimento, o conceito.

A ação da OC é a categorização, classificação da informação, sendo “um processo definido como dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhanças. É dispor os conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças, em certo número de grupos metodicamente distribuídos” (PIEDADE, 1983, p. 16).

Dessa forma, a organização do conhecimento é o ato responsável em categorizar e sintetizar o conteúdo informacional do documento, através dos sistemas de classificações que são os responsáveis em descrever o conhecimento. Essa ação compreende atividade de classificar, indexar e elaborar resumo do documento com a finalidade de identificar um documento segundo seu assunto.

Ou seja, a OI, a RI, a OC e a RC são recursos desenvolvidos e utilizados pela CI para auxiliar na pesquisa e recuperação da informação. Esses instrumentos auxiliam na padronização dos termos utilizados para descrever um documento e/ou assunto, podendo ser representados pelos catálogos, repertórios, inventários, listas, classificação, tesouros, entre outros. Esses instrumentos servem para controlar fisicamente a localização, armazenamento e também para descrever as características e o conteúdo do documento.

5.2 REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA

O documento fotográfico para ser considerado um documento de arquivo, responsável em transmitir, gerar conhecimento, deve estar organizado, identificado e classificado conforme o que estabelece as técnicas da arquivologia. A fotografia, conforme sua natureza, é considerada documento especial, ou seja, constituída por documentos de formato diferenciado como o DVD, CD, fitas e microfilmes. Devido às características do suporte que a diferencia dos documentos textuais, a fotografia merece um tratamento especial quanto ao seu armazenamento e tratamento técnico.

Por volta dos meados do séc. XIX a fotografia passa a ser inserida nos arquivos para auxiliar nas pesquisas, devido à carência de estudos arquivísticos para essa área. Lacerda (2012, p.284) faz a seguinte reflexão sobre essa questão:

[...] de fato, fotografias e filmes, para citar apenas dois tipos de documentos constituídos por imagens, são registros produzidos e acumulados nas eras moderna e contemporânea, presentes a partir da segunda metade do século XIX. Se por um lado esses registros são aquisições 'recentes' no universo arquivístico, por outro lado sua existência representa uma transformação notável na área [...].

Desde a invenção da imprensa, o documento textual faz parte do nosso cotidiano. A incorporação dos novos conjuntos documentais em suporte não textual, a exemplo da fotografia, é algo recente na arquivologia.

A arquivologia utilizou por algum tempo métodos de outras disciplinas para a descrição do documento não textual, a exemplo dos métodos utilizados na biblioteconomia, que apesar de não satisfazer plenamente as particularidade e especificidade dos acervos arquivísticos foram utilizados por muito tempo para esse fim.

A arquivologia passa a utilizar suas próprias normas para descrever os seus acervos a partir da elaboração das normas arquivísticas internacionais. Uma dessas normas é responsável pela descrição arquivística e identificação do contexto e do conteúdo do documento arquivístico e a outra tem a incumbência de controlar e uniformizar os registros de autoridade arquivística que forneçam descrições de entidades: entidades coletivas, pessoas e famílias relacionadas à produção e manutenção de arquivos.

5.2.1 Normas de descrição arquivística

A descrição arquivística é um processo antigo, utilizado desde a Idade Antiga. Esse método usado para controle do acervo arquivístico é representado nos repertórios de documentos registrados em tabletas de argila encontrados na cidade de Nuzi – atualmente conhecida como Yorgan Tepe localizada na região da Mesopotâmia, datados de 1500 a.C. (DURANTI, 1993).

A descrição arquivística nos primeiros momentos era realizada para controlar acervo do arquivo, o arranjo utilizado para os documentos arquivísticos obedecia a ordem cronológica e de assunto. Na época do Iluminismo, período marcado pela separação dos fundos de seus órgãos produtores de documentos, o arquivo passa a assumir também o papel de instituição cultural e de pesquisa. Os arquivistas começam a idealizar instrumentos de organização que facilitam a recuperação do documento, surgindo assim os primeiros modelos de classificação baseados na

ordem cronológica e, muitas vezes no assunto. A descrição arquivística busca na classificação a formação do arranjo do acervo arquivístico. Segundo Duranti (1993, p.50),

Os documentos eram descritos item por item, e os mais importantes eram resumidos, de forma que sua descrição servia frequentemente como 'substituto' dos próprios documentos. Foi então que a ideia de unidade administrativa orgânica de fundos específicos foi encoberta pela da classificação universal. A abrangência do instrumento de pesquisa não era o fundo arquivístico, mas miscelâneas de documentos reunidos pela forma (como as coleções de diplomas que podem ser encontradas na maioria dos arquivos europeus) ou pelo assunto, ou o total de acervos do arquivo.

Entretanto, esse método separava os documentos por assunto, propiciando o desmembramento dos fundos e permitindo assim a organização da documentação arquivística obedecendo ao princípio da proveniência, o respeito à ordem original, a classificação no intuito de preservar o conjunto documental. O arranjo do acervo passa a ser uma atividade desvinculada da classificação, surgindo assim a representação da informação arquivística para solucionar esta questão (LEÃO, 2006). Nesse sentido, a descrição arquivística surge para facilitar a recuperação da informação e aproximar o usuário do acervo.

A descrição na arquivologia é uma atividade desenvolvida no arquivo permanente. Este é constituído por documentos de valor histórico, informativo, probatório e de investigação. Esta atividade tem como princípio básico eternizar a memória documental da instituição ou pessoa. Portanto, a descrição facilita o acesso a informação e a recuperação da informação.

Para padronizar e facilitar o acesso ao documento arquivístico, desde a década de 80 do século passado que os órgãos ligados à arquivologia procuraram desenvolver instrumentos que descrevessem o documento arquivístico. No ano de 1992 é publicada a primeira versão da norma geral internacional de descrição arquivística (ISAD(G)). Mais tarde, no ano de 1996, é publicada a norma internacional de registro de autoridade arquivística para entidade, pessoa física e família (ISAAR (CPF)). Algumas definições das normas internacional e nacional que norteiam a descrição arquivística serão abordadas a seguir.

Quadro 3– Conceitos de descrição arquivística

NORMAS	DIRETRIZES
<i>International Standard Archival Description General</i> (ISAD(G))- Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística.	Estabelece diretrizes gerais para a preparação de descrições arquivísticas secundárias. Deve ser usada em conjunção com as normas internacionais existentes ou como base para a sua criação.
<i>International Standard Archival Authority Records for Corporate Bodies, Persons and Families</i> (ISAAR (CPF)) - Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para Entidades Coletivas, Pessoas e Famílias.	Institui diretivas para a preparação de registros de autoridade arquivística que forneçam descrições de entidades (entidades coletivas, pessoas e famílias) relacionadas à produção e manutenção de arquivos.
Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE).	Estabelece diretivas para a descrição no Brasil de documentos arquivísticos.

ISAD(G)(1992) ; ISAAR(CPF) (1996); NOBRADE (2006).

A *International Council Archives* (ICA) recomenda a utilização de uma das normas acima para padronizar a descrição arquivística. Nesta pesquisa, utilizamos como parâmetro a Nobrade para orientar na descrição física dos documentos fotográficos, objeto da nossa pesquisa.

A Nobrade estabelece a descrição multinível, ou seja, permite a descrição de acervos, fundos, seções, séries, processos ou itens documentais inseridos num contexto que relaciona os documentos à sua produção. Podemos apontar ainda outras características inerentes à norma, sobretudo com referência a um dos “princípios da arquivologia”, o *respect des fonds*, que já foi conceituado no capítulo anterior. O outro pressuposto com relação à descrição que parte do geral para o particular, ocorre quando o profissional percorre a formação hierarquizada do arranjo, representando cada parte em sua substância e estrutura, atentando para que relacione informações relevantes em cada nível de descrição, sem repetição, na medida em que avança nos níveis.

Os níveis de descrição da referida norma são assim relacionados: acervo da entidade custodiadora (nível 0), fundo ou coleção (nível 1), seção (nível 2), série (nível 3), dossiê ou processo (nível 4) e item documental (nível 5). São admitidos como níveis intermediários o acervo da subunidade custodiadora (nível 0,5), a subseção (nível 2,5) e a subsérie (nível 3,5). A adesão a todos esses níveis é facultativa, como a própria norma preconiza (NOBRADE, 2006). Essa norma possui

oito áreas que, juntas, usam vinte e oito elementos de descrição. Dentre os 28 elementos de descrição disponíveis, sete são obrigatórios, conforme relação abaixo:

- código de referência;
- título;
- data(s);
- nível de descrição;
- dimensão e suporte;
- nome(s) do(s) produtor(es);
- condições de acesso (somente para descrições em níveis 0 e 1).

Os elementos de descrição das normas internacionais e da nacional são divididos em sete áreas:

- área de identificação;
- área de contextualização;
- área de conteúdo e estrutura;
- área de condições de acesso e uso;
- área de fontes relacionadas;
- área de notas;
- área de controle da descrição.

A Nobrade foi criada para descrever qualquer tipo de documento independente do seu suporte. Na introdução dessa norma fica explícita a sua flexibilidade:

Esta Norma deve ser aplicada à descrição de qualquer documento, independentemente de seu suporte ou gênero. Informações específicas para determinados gêneros de documentos podem e devem, sempre que necessário, ser acrescentadas (BRASIL, 2006, p.19).

A Norma Brasileira de Descrição deve ser aplicada para descrever qualquer tipo de documento, independente do suporte ou gênero que se apresente. Informações específicas para determinado gênero de documento podem e devem, sempre que necessário, ser acrescentadas na descrição. A descrição arquivística é um ato responsável de representar as informações contidas em documentos e/ou fundo de arquivo, e tem como fim gerar algum tipo de instrumento de pesquisa. É bom salientar que na arquivologia a representação da informação é realizada na descrição arquivística.

5.2.2 Instrumento de pesquisa

Os instrumentos de pesquisa são as ferramentas utilizadas para descrever um arquivo ou parte dele, tendo a função de orientar a consulta e de determinar com exatidão quais são e onde estão os documentos. O DBTA (1996, p. 98) define instrumento de pesquisa arquivístico como:

[...] meio que permite a identificação, localização ou consulta a documentos de um acervo, organizados segundo critérios temáticos, cronológicos, onomásticos (relativos aos nomes próprios) ou toponímicos (relativos aos locais), reunindo a descrição individualizada de documentos pertencentes a um ou mais fundos, de forma sumária ou analítica.

Esses instrumentos complementam o trabalho de um arquivo, a sua finalidade é propiciar a recuperação dos documentos e a consulta e divulgação do acervo arquivístico. A Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB), no ano de 1973, classificou como instrumentos de pesquisa arquivísticos brasileiros: guias, inventário, catálogo, repertório ou catálogo seletivo, índices e tabela de equivalência ou concordância. A tabela abaixo faz uma relação entre cada tipo de instrumento de instrumento de pesquisa com o nível da descrição.

O DBTA foi utilizado para definir os vários tipos de instrumentos de pesquisas arquivísticos:

Catálogo - instrumento de pesquisa organizado segundo critérios temáticos, cronológicos, onomásticos ou toponímicos, reunindo a descrição individualizada de documentos pertencentes a um ou mais fundos, de forma sumária ou analítica (grifo nosso) (DBTA, p.45).

Guia - instrumento de pesquisa que oferece fundos e coleções existentes em um ou mais arquivos (grifo nosso) (DBTA, 2005, p.102).

Índice/catálogo seletivo - relação sistemática de nomes de pessoas, lugares, assuntos ou datas contidas em documentos ou em instrumentos de pesquisa, acompanhados das referências para sua localização (grifo nosso) (DBTA, p. 107).

Inventário/repertório - instrumento de pesquisa que descreve, sumária ou analiticamente, as unidades de arquivamento de um fundo ou parte dele, cuja apresentação poderá refletir ou não a disposição física dos documentos (grifo nosso) (DBTA, p.109).

Os instrumentos de pesquisa são construídos para facilitar o acesso e divulgação da informação arquivística, disponibilizados por meio deles o acesso público às informações pertinentes à documentação que constitui o acervo.

Nesta pesquisa, após estudos e reflexões sobre finalidade e objetivo dos instrumentos de pesquisa arquivísticos existentes, foi sugerido à utilização do inventário para descrever e divulgar o acervo fotográfico de Sílvio Robatto. Santos (2000, p.202) apresenta a seguinte reflexão sobre este instrumento “[...] que toma como unidade de descrição a série e seu campo de ação é a totalidade de um fundo ou ação”. Realizamos a descrição minuciosa do fundo Sílvio Robatto tomando como unidade de descrição as séries e subséries¹⁹ de cada dossiê²⁰.

5.3 ANÁLISE DOCUMENTÁRIA

Para analisar a informação contida no documento de arquivo objetivando disponibilizá-la a pesquisa, primeiramente será realizada a interpretação do conteúdo, através da análise da informação, que se dá por meio de leitura minuciosa do documento. Essa objetiva identificar, traduzir, descrever e disseminar os conceitos inerentes ao documento. Para Manine (2002, p.31), análise documentária é um,

[...] conjunto de procedimentos efetuados ao longo de um processo que se inicia com a leitura dos documentos, leitura esta realizada com fins documentários. Esta análise inicial do documento deve ser minuciosa e completa a ponto do profissional da informação ser capaz de elaborar um resumo do mesmo (e esta é uma das formas de representação do documento).

Portanto, a análise documentária é uma técnica utilizada pelo profissional da informação com o intuito de descrever o documento no que diz respeito ao seu conteúdo, conceito, tema, com a finalidade de facilitar a recuperação da informação. Para a interpretação do conteúdo, por meio da análise documentária, será necessário adotar técnicas específicas para a interpretação e representação da informação a partir da descrição física do documento e do contexto. Esses procedimentos são desenvolvidos em estudos relacionados à OI e da RI. Autores

¹⁹ Subsérie – num quadro de arranjo, a subdivisão da série. (DBTA, 2005, p.148)

²⁰ Dossiê – unidade de arquivamento constituída de documentos relacionados entre si por assunto (ação, evento, pessoa, lugar, projeto) (Idem, p. 71).

como Brascher e Café (2008, p.20) afirmam que alguns tipos de representação da informação são estabelecidos através de linguagem elaborada que atendam aos objetivos específicos da OI. As autoras afirmam que “essas linguagens, subdividem-se em linguagens que descrevem a informação e linguagens que descrevem o documento (suporte físico)”.

O documento textual possui palavras que têm a finalidade de comunicar uma mensagem. Certamente, devido a sua constituição, a análise do documento escrito torna-se menos complexa. A análise do documento fotográfico e imagético é mais complexa, pois este possui suas especificidades, o que o diferencia do documento textual. Outro fator a ser considerado na análise do documento fotográfico é a sua polissemia, ou seja, esse tipo de documento possui múltiplos significados, o que torna a sua leitura e análise uma operação complicada:

[...] a imagem não quer dizer nada e não diz nada, mostra. Mas poderíamos tentar acomodar a teoria do segundo tipo de interpretação: a imagem, na verdade, não nos diz nada, ela nos mostra alguma coisa, mas ao nos mostrar alguma coisa, ela quer nos dizer alguma coisa. Em outras palavras, o que ela nos mostra 'simboliza' uma mensagem (SCHAEFFER, 1996, p. 204).

A imagem fotográfica sem contextualização não emite nenhuma mensagem. Para que esta seja utilizada como fonte de informação e de pesquisa deve ser descrita e classificada (indexada), ou seja, a descrição documental facilita o entendimento da mensagem que a imagem fotográfica carrega. A análise da imagem fotográfica é um procedimento complexo que requer habilidade e conhecimento do profissional da informação. Como já foi mencionado na subseção 5.1, a leitura e a tradução da imagem fotográfica é um procedimento que requer muita cautela por parte do profissional que está executando tal tarefa. Nessa análise a fotografia deve ser olhada e observada como documento que representa algo e não mais como um simples ícone.

Após a análise documental o profissional da informação elabora o resumo e realiza a indexação do documento analisado, ou seja, identifica os assuntos e os descritores inerentes a cada documento analisado. Segundo Kobashi (2006, p.9), para a elaboração das informações documentárias o profissional da informação deve executar três etapas que são:

- ler um texto;
- selecionar, nesse texto, o conteúdo informacional considerado pertinente para usos determinados;

- representar, ou seja, dar forma às informações selecionadas, de modo a torná-las documentariamente manipuláveis.

Para que seja efetivada a interpretação do conteúdo de um documento, necessário se faz realizar duas ações: elaboração de resumo; e indexação do documento, ato que estabelece equivalências entre palavras do texto e termos de uma linguagem documentária. Na análise documentária o indexador deve se deter na interpretação e tradução temática ou conceitual do documento, observando e dando ênfase aos pontos mais relevantes do documento através da leitura intelectual e da descrição temática que facilitará a disseminação e o acesso à informação.

A análise documentária do acervo fotográfico de Robatto permitiu a aproximação com o olhar desse fotógrafo. As fotos deste acervo na sua grande maioria, não possuíam legendas, o que tornou um desafio identificar as temáticas abordadas no acervo. No intuito de adquirir maiores informações sobre o referido acervo fotográfico, foram realizadas entrevistas com a viúva do fotógrafo.

Essa fase da pesquisa nos proporcionou recolher dados biográficos sobre Sílvio Robatto que contribuíram para elaborar a linha do tempo deste fotógrafo (que nos próximos capítulos será abordada). Como afirma Duarte (2005, p.43), “a análise documentária contextualizada [...] passa pela descoberta do titular, de suas características, seu mundo em família, em sociedade, sua infância, adolescência, juventude e maturidade”. A reflexão realizada pela autora fortalece o entendimento sobre a análise documentária, etapa da pesquisa na qual o pesquisador torna-se íntimo do acervo e ao mesmo tempo do seu produtor.

5.3.1 Indexação da imagem fotográfica

Ao longo dos tempos, muitos sistemas de classificação foram desenvolvidos. Com o propósito de organizar e representar o conhecimento e a informação produzida pelo homem, tais sistemas deram origem aos vários instrumentos de classificação existentes que auxiliam na organização da informação. Os sistemas de classificação têm a finalidade de controlar e descrever o conteúdo documental, e, sobretudo, padronizar termos utilizados para descrever um determinado documento ou assunto. Geralmente esses instrumentos são apresentados, na forma de catálogos, guias, repertórios e inventários. Ainda como recursos de acesso ao

documento e à informação nele contida, podem ser citados os instrumentos auxiliares: listas de cabeçalho de assunto, tabela de classificação, tesouros, vocabulário controlado, entre outros. Através do conhecimento inerente ao profissional da informação, os acervos são organizados e disponibilizados em sistemas de informação e assim a humanidade tem acesso à informação de variados temas e áreas do conhecimento.

Um dos exemplos reconhecidos internacionalmente é o catálogo da biblioteca de Alexandria, considerado o instrumento mais antigo de OC, organizado por temas e autores.

No século XIX, pode ser destacada a classificação decimal de Dewey (CDD), que tomou como base a classificação filosófica de Bacon, sistema biblioteconômico dividido em dez classes principais, dez divisões e dez seções. No séc. XX, elaboração da classificação decimal universal (CDU), que tomou como referência a CDD. A CDU foi criada com a finalidade de organizar o repertório bibliográfico universal.

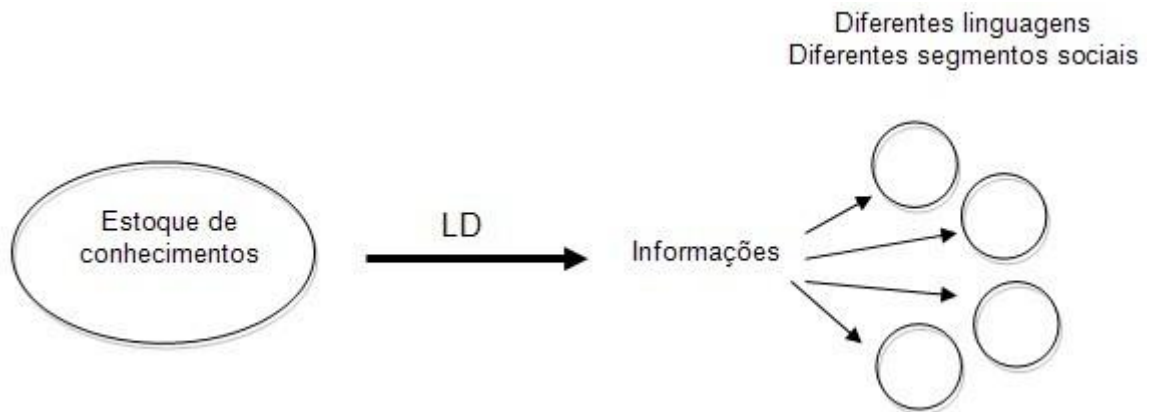
Os sistemas de classificação citados se basearam em palavras e termos, técnica desenvolvida pela indexação. A indexação é o ato responsável por representar o conteúdo de um documento é o levantamento de termos que identificam e descrevem o documento. Para Pinto (1985, p. 170), “[...] indexação consiste na indagação do conteúdo informativo de um documento através da determinação de um ou mais termos que representarão este conteúdo”.

Essa forma de representação do conteúdo informacional do documento por meio da identificação do tema e do assunto denominada de indexação, é uma das metodologias utilizadas para auxiliar na interpretação de documentos de diversas tipologias. Para realizar essa análise o profissional da informação deve ter conhecimento do acervo, do usuário e domínio do vocabulário controlado a ser utilizado para descrever o conteúdo do documento. Esse é um momento crucial para o profissional da informação, pois através da descrição de conteúdo ele irá propiciar o acesso ao documento indexado.

A indexação da imagem fotográfica é um processo que pode ser realizada tanto utilizando a linguagem natural (título, legenda ou texto) ou a linguagem documentária e/ou artificial (tesouros, cabeçalho de assunto, tabelas de classificação). Para auxiliar a indexação do documento imagético o indexador utiliza a linguagem documentária (LD), a qual controla o vocabulário a ser utilizado para

identificação e tradução do documento. Para Maimone (2008, p.5), “[...] compete às LDs transformar estoques de conhecimentos em informações adequadas aos diferentes segmentos sociais”. A figura 4 ilustra a relação entre conhecimento, LDs e informação.

Figura 4 - Conhecimento, Linguagens Documentárias e Informação.



Fonte: Maimone, (2007, p.33)

As LDs são formadas por termos, palavras controladas que constituem vários instrumentos de controle de vocabulário tais como: tesouros, listas de cabeçalho de assunto, entre outros, que auxiliam na indexação, armazenamento e recuperação da informação.

6 CAMINHO PERCORRIDO NA PESQUISA

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê”. (ARTHUR SCHOPENHAUER).

A pesquisa científica, conforme alguns autores é o caminho percorrido para se encontrar uma resposta para determinada indagação. Este capítulo é dedicado para apresentar os procedimentos metodológicos que nortearam esta pesquisa. Além de delinear uma breve biografia de Sílvio Robatto, como também descrever o acervo robattiano e esboçar os resultados da pesquisa.

6.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa aborda uma temática pouco explorada na CI, pois propõe descrever a fotografia através da adaptação de campos da norma Nobrade e dos princípios estabelecidos pela arquivologia. Esta pesquisa é caracterizada quanto ao tipo de abordagem como qualitativa, fundamentada na observação e análise do objeto pesquisado com a finalidade de interpretá-lo, ou seja, intenta a observação, a descrição, a compreensão e o significado. A pesquisa qualitativa descreve o problema através de técnicas padronizadas de coleta de dados por meio de questionários e entrevistas, procurando levantar e descrever informações sobre o tema proposto (GIL, 2001).

Mediante os objetivos da pesquisa, esta também é classificada como descritiva e se configura como estudo de caso. Esse tipo de abordagem visa descrever as características de determinada população ou fenômeno e/ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Nesta pesquisa, aprofundamos a investigação do acervo fotográfico de Sílvio Robatto (GIL, 2001).

Quanto à coleta de dados, utilizamos a observação direta intensiva e o mapeamento situacional do acervo fotográfico. Para a coleta de dados foi realizado levantamento descritivo desse acervo, com o objetivo de identificar dossiês, séries, grupos e temáticas existentes.

Sem a pretensão de perscrutar o assunto conservação e preservação de documentos, será apresentado breve diagnóstico sobre as condições físicas do mencionado acervo. A partir da análise desse conjunto documental foi elaborado plano de ação sugerindo, além da descrição física e temática das fotografias, a implantação de medidas de conservação preventiva para o referido acervo.

Para geração de novos conhecimentos e novos saberes, o pesquisador tem que recorrer a alguns procedimentos técnicos que Marconi e Lakatos (2007, p.176) definem como sendo “conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática. Toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos”.

Este estudo se propõe a uma pesquisa documental e bibliográfica que, aliada aos princípios arquivísticos, procura corroborar com a área da organização e representação da informação, considerando a descrição e contextualização da imagem fotográfica que retrata a cultura baiana.

Através da técnica bibliográfica utilizada, foi possível localizar as várias contribuições publicadas na literatura sobre a referida temática. A técnica documental propiciou a análise dos dossiês do arquivo *in loco*.

6.2 LINHA DO TEMPO DE SÍLVIO ROBATTO

Sílvio Robatto, baiano, soteropolitano, filho de Alexandre Robatto Filho, fotógrafo e um dos pioneiros do cinema baiano, foi o responsável pela realização de alguns filmes curtas - metragens de cunho documental e cultural.

Alexandre Robatto repassou os seus conhecimentos sobre produção cinematográfica e da arte da fotografia para seu filho Sílvio, que assumiu a autoria de alguns filmes como roteirista e diretor. Dirigiu dois filmes em 35 mm “Igreja” um curta em PB – ficção sobre o Barroco realizado em 1959 e o filme “Invenções” um curta de 20 mm em PB - livre criação sobre dança.

Através de Alexandre Robatto, Sílvio teve os primeiros contatos com a rica cultura popular da qual o povo da Bahia é portador, iniciando assim seus primeiros registros fotográficos das manifestações culturais e populares ocorridos em Salvador. Esses registros estão guardados em riquíssimo arquivo de negativos, diapositivos e cópias em papel.

Sílvio registrou através da sua arte de fotografar algumas manifestações culturas e populares tais como: comemoração ao 02 de Julho (Independência da Bahia), Carnaval, Festa de Iemanjá, Lavagem do Bonfim, etc. Além das temáticas acima citadas ele também fotografou outras temáticas como: Pelourinho; personagens folclóricas (cabocla, caboclo, índio, encourado); a Escola de Dança e os primeiros espetáculos de dança dirigidos pela coreógrafa Yanka Rudska que culminaram com a implantação do curso e de Dança na Ufba; a Escola de Teatro da

Ufba (a exemplo das fotografias dos primeiros espetáculos teatrais dirigidos por Martim Gonçalves, período em que a escola de teatro funcionava na parte inferior da Reitoria da Ufba); o Teatro Castro Alves (TCA) desde a década de 60, as reformas pela qual o TCA passou após o incêndio, entre outras.

Sílvio constituiu um arquivo fotográfico em variados suportes tais como: negativos, diapositivos, cópia de fotografia papel. Na década de 90, parte desse acervo foi por ele digitalizado, Sílvio não se privava de lançar mão dos mais altos recursos da tecnologia para interferir positivamente em suas criações, estas digitalizações foram importadas para CD e HD externo.

Para complementar e ilustrar as informações relacionadas a Sílvio, será apresentada abaixo a contribuição da jornalista e mestre em Administração pela Ufba, Symona Gropper, que escreveu livro intitulado “Sílvio Robatto – um homem feliz”²¹, presenteando-nos com o seguinte aporte sobre a vida de Sílvio Robatto:

[...] Sílvio gostava das pessoas da religião afro-baiana e as imortalizou nas suas fotos, assim como fotografou os Africanos nas três vezes que viajou para a África na década de 70, por indicação do Itamaraty, para participar das reuniões preparatórias para a participação brasileira no II Festival Mundial de Arte e Cultura Negra e Africana, em Lagos, Nigéria.

Fez muitas fotos nessas viagens. Inclusive de um imponente baobá, toda em alto contraste. Lia chegou a ver e admirar esse material. Infelizmente, muitas dessas fotos da fase Africana desapareceram: um dia depois de voltar a Salvador, ladrões entraram na casa da Federação e levaram discos e máquina fotográfica com as fotos. Sílvio nunca conseguiu recuperá-los.

O trabalho de Martim Gonçalves com esse grupo (1956-1963) renovou a cena teatral baiana com uma política de intercâmbio que transformou a Escola de Teatro da UFBA, criada por ele, numa referência para o ensino de teatro na América Latina e, atualmente, para o mundo.

A fotografia fez Lina Bo Bardi se aproximar de Sílvio. Foi ele o autor das fotos, junto com Ennes Melo, Pierre Verger e Marcel Gautherot, que ela apresentou, com sua concepção arquitetônica e curadoria de Martim Gonçalves, na *Exposição Bahia*, realizada em 1959, no Ibirapuera, em São Paulo, durante a *V Bienal de São Paulo*.

Sílvio havia feito inúmeras fotos das peças do grupo A Barca. Algumas junto com o colega Ennes Silveira Melo. É o caso da montagem de *Senhorita Júlia*, de Strindberg, por exemplo, dirigida por Martim Gonçalves e que inaugurou o Teatro Santo Antônio da

²¹ Fragmentos do livro intitulado Sílvio Robatto: um homem feliz, autoria de Symona Gropper, segundo a autora, este será publicado no mês de agosto de 2013, pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia (No Prelo).

Escola de Teatro no Canela, em 1958. A encenação está documentada em 76 fotos. (GROPPER, 2013, no prelo).

Em 1957, conheceu e se encantou por Lia Pereira de Carvalho, aluna de Yanka Rudska, coreógrafa que veio para Salvador junto com suas alunas implantar o 1º Curso de Dança na Universidade da Bahia (posteriormente Universidade Federal da Bahia – Ufba). Em 1961, se casou com Lia Carvalho, então professora e coreógrafa do Curso de Dança da Ufba, com quem teve dois filhos, Lucas e Pedro Robatto, musicistas, membros da Orquestra Sinfônica da Bahia (OSBA).

Lia, por um tempo assumiu a Diretoria da Escola de Dança da Ufba, foi a responsável pela implantação da Escola de Dança da Fundação Cultural da Bahia (Funceb). O casal Sílvio e Lia diversificaram a arte da fotografia, que conjugada com a dança, formava uma arte híbrida. Conforme o artista plástico Juarez Paraíso (GROOPER, 2013, no prelo),

[...], uma das obras mais importantes de Sílvio, do ponto de vista da arte contemporânea, foi o trabalho realizado em conjunto com as performances de Lia Robatto na dança, que resultou um trabalho de arte híbrido, da transcendência de um gênero com a conjugação com um outro gênero.

Sílvio e Lia foram os primeiros a realizar esse tipo de espetáculo na Bahia, com integração da fotografia e da dança. Não se tratava de mera projeção de slides em cima de corpos em movimento. Era uma projeção de slides que Sílvio criava especificamente para aquele momento, sobre a dança, sobre os corpos femininos e masculinos. “Projeção que transformava os volumes corpóreos humanos e os próprios ritmos coreográficos: dezenas de dançarinos dançando somavam-se às transformações visuais provocadas pelos slides com formas e ritmos diversos, com um efeito visual incrível”, recorda Juarez.

Sílvio em 1958, cursou a disciplina Desenho Técnico e Iluminação na Universidade de Yale, Estados Unidos. Em 1960, colou grau na Faculdade de Arquitetura da Ufba, profissão que exerceu através da elaboração de diversos projetos arquitetônicos, alguns relacionados a reformas em instituições públicas. Trabalhou em parceria com o arquiteto Fernando Peixoto, período em que participou e desenvolveu vários projetos arquitetônicos distribuídas em vários locais de Salvador. Realizou diversos trabalhos temáticos sobre Arquitetura, manifestações de cultura popular e estudos de registros do corpo humano, sobretudo na dança.

No ano de 1968, Sílvio já era um fotógrafo consagrado, sendo convidado naquela época para participar como júri do primeiro Salão Bahiano da Fotografia Contemporânea. Conforme, destaca Symona (2013, no prelo):

Sílvio já era fotógrafo respeitado em 1968, quando foi chamado para fazer palestra e integrar o júri do primeiro Salão Bahiano da Fotografia Contemporânea, que contou com o patrocínio do Departamento Cultural da Universidade Federal da Bahia e do Departamento Cultural da Secretaria de Educação. Da banca julgadora faziam parte, ainda, Walter da Silveira, Leão Rozemberg, Juarez Paraíso e Kabá Gaudenzi.

Também em 1968, realizou-se II Bienal Nacional de Artes Plásticas. Foi no Convento da Lapa, em Salvador, onde foi montada uma sala especial de fotografia. Sílvio estava entre os artistas baianos que tiveram seus trabalhos expostos nessa sala.

Sílvio também se destacou na carreira acadêmica na Faculdade de Arquitetura e na Escola de Belas Artes da Ufba, onde se aposentou como Professor. No âmbito do Serviço Público municipal trabalhou como Arquiteto da Prefeitura Municipal de Salvador e no âmbito estadual exerceu a função de Arquiteto da Fundação Cultural, ainda na esfera estadual exerceu por três anos o cargo de Diretor do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM).

Na década de 90 do século passado, com a popularização do uso do computador deu início à tarefa de transformar o seu arquivo de imagens fotográficas convencionais em imagens digitalizadas. Ele utilizou sem constrangimento todos os recursos postos à disposição dos fotógrafos, inclusive as novas tecnologias, preservando sempre a autoria nas diversas etapas do processo. O computador permitia alterações na forma, no contraste, no brilho, na intensidade, na nitidez e na alteração de cores. Parte do seu acervo de negativos foi por ele digitalizado o autor não se privava de lançar mão dos mais altos recursos tecnológicos para interferir positivamente em suas criações.

Como fotógrafo, realizou diversas exposições dos seus trabalhos, no Brasil e no exterior, ilustrou com fotografias de sua autoria alguns livros de arte e artigos publicados em periódicos, dentre os quais destacamos:

Exposições Fotográficas Individuais

- Arquitetura Brasileira Ontem, Hoje e Amanhã – exibida em Hamburgo, Alemanha;
- O Barroco – mostrada no Museu de Arte Sacra (Ufba);

- Um Oceano Que Nos Une – apresentada no Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM) e na Fundação Cultural de Brasília;
- O Barroco Rebolado – mostrada na Pinacoteca, São Paulo, com a exposição de algumas ampliações fotográficas da arte encontrada nas igrejas baianas;
- Brasileiro, Brasileiros – exposição coletiva no Museu Afro-Brasil, São Paulo;
- Ao Pé do Caboclo – exposição que mostrou registros fotográficos do desfile comemorativo da luta pela Independência da Bahia, celebrada anualmente no dia 2 de Julho;
- Imagens da Liberdade – última exposição realizada por Sílvio. Mostrou fotos históricas da Festa da Independência da Bahia – 2 de Julho, promoção da Fundação Gregório de Mattos, em 2007.

Ilustrações em Livros

- Dança em Processo: a linguagem do indizível – autoria Lia Robatto;
- Passos da Dança – autores Lia Robatto e Lúcia Mascarenhas;
- Forma e Cor “A arquitetura”, de Fernando Peixoto.

Sílvio Robatto foi pioneiro da fotografia artística da Bahia. A linha de trabalho a qual se dedicou nos últimos anos que antecederam o seu falecimento, foi bem representada na exposição “Barroco Rebolado”, exposição montada na Pinacoteca de São Paulo, no ano de 2002.

O fotógrafo e arquiteto Sílvio também experimentou a literatura, produzindo alguns textos de ficção. Inspirado na cultura popular da Bahia, produziu alguns contos os quais ilustrou com algumas das suas fotos. Sílvio Robatto faleceu no ano de 2008, aos 72 anos de idade, deixando um legado de grande importância para a memória sociocultural da Bahia.

As informações cedidas por Symona Gropper para esta pesquisa foram de grande importância, pois além de ilustrar, acrescentou novos dados para a linha do tempo do fotógrafo Sílvio Robatto. A linha do tempo de Sílvio apresentou o valioso legado sociocultural, registrado em suas diversas fotografias.

6.3 APRESENTANDO O ACERVO ROBATTIANO: DIAGNÓSTICO

Sílvio Robatto, longo de sua vida nas horas vagas tinha como *hobby* fotografar a cultura baiana, a arquitetura da cidade, as igrejas de Salvador, as festas populares que aconteceram na cidade, legou um vasto acervo fotográfico distribuído em suportes visuais a abaixo relacionado.

Esse acervo encontra-se guardado na residência do titular, sem tratamento técnico e mal acondicionado, necessitando da criação de política arquivística que proporcione sua visibilidade.

No ano de 2010, sob o patrocínio da empresa de engenharia Techba Serviços e Consultoria Ltda. e apoio do Escritório de Arquitetura de Fernando Peixoto, foi implementada a 1ª política de gestão documental do acervo, prevendo a organização e higienização, conforme as normas arquivísticas. O interesse por parte dessas empresas na organização e preservação desse acervo deve-se a sua relevância sociocultural e artística para a Bahia.

Os documentos acumulados pelo titular desse acervo fotográfico refletem transformações ocorridas no cenário arquitetônico de Salvador. Também retrata a comemoração do 2 de julho (Independência da Bahia), mostra algumas festas populares realizadas em Salvador e em cidades da Bahia, como podemos destacar : a Festa de Iemanjá, que é realizada no bairro do Rio Vermelho e na Ilha de Vera Cruz e a Lavagem do Bonfim. Desde as cerimônias religiosas até as procissões e entregas de presentes. Sílvio Robatto gostava de retratar o sacro e o profano. Em algumas viagens a África fotografou a cultura artística daquele povo a exemplo da dança.

Esse acervo retrata a memória e a história sociocultural, além de demarcar a sua própria atividade profissional, bem como o seu amor pela arte barroca baiana, muito bem representada através das fotos da fachada principal e do interior de igrejas localizadas no Centro Histórico de Salvador e Recôncavo Baiano, em seus detalhes decorativos e adornos talhados em madeira e azulejos.

Através do diagnóstico geral (apêndice I), pode ser observado que o acervo em questão é composto de vários gêneros fotográficos tais como: negativo, cópia em papel, cópia digitalizada impressa em papel, diapositivo, distribuídos da seguinte forma:

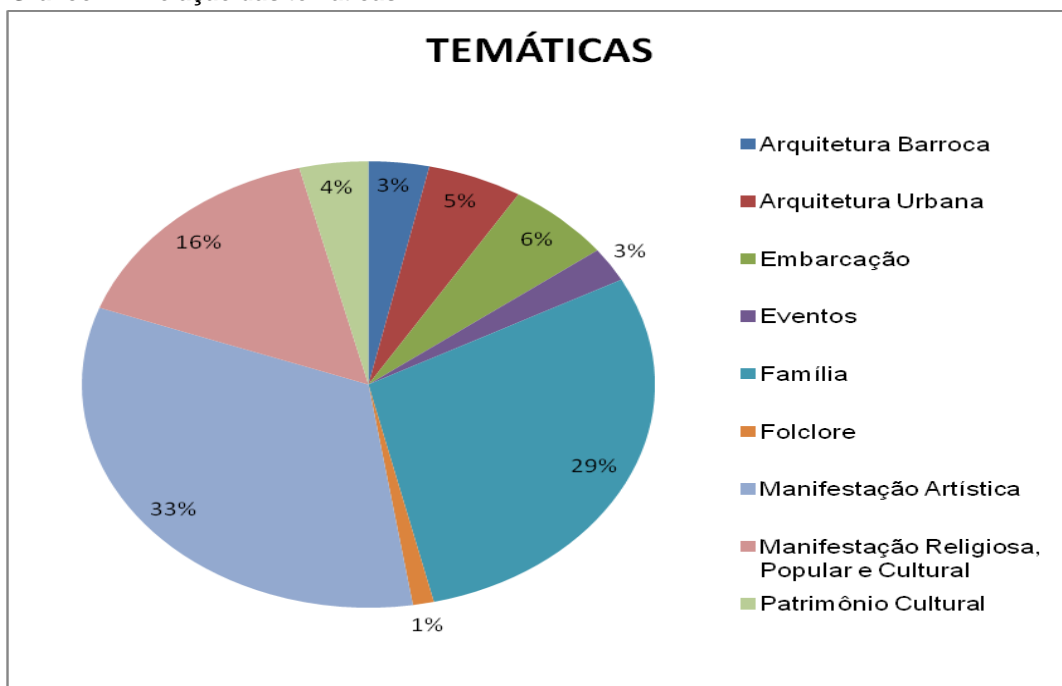
Quadro 4– Gênero fotográfico

GÊNERO	QUANTIDADE
Colorida	2.589
Diapositivos (slides)	4.857
DVD (fotos digitalizadas)	220
Negativos (tiras)	20.000
Preto e Branco (P&B)	2.728

Fonte: Elaborado pela autora

Para a identificação das temáticas, foram realizadas algumas revisões teóricas na área da arquivologia e de cultura popular; para isso foi necessário a realização de algumas visitas ao acervo, como também foram feitas entrevistas com a viúva do arquiteto, a coreógrafa e professora Lia Robatto, que além das entrevistas, fez doação de um (01) exemplar de um dos seus livros, intitulado *Dança em processo: a linguagem do indizível* (1994), que descreve os espetáculos de dança por ela dirigidos e fotografados pelo próprio Sílvio Robatto. Sílvio costumava não identificar cronologicamente as fotos do seu acervo, o que dificultou, algumas vezes, determinar a data do documento analisado.

Gráfico 1– Relação das temáticas



Fonte: Elaborado pela autora

Apesar do acervo encontrar-se armazenado em ambiente doméstico/familiar, sem tratamento técnico, permanece em bom estado de conservação. Mas, durante a organização dos documentos – projeto financiado pela empresa de engenharia Techba em 2010/2011– as fotos em papel passaram por conservação mecânica preventiva. A equipe do mencionado projeto considerou o processo de preservação dos documentos fotográficos como uma atividade que objetivava, principalmente, criar ações preventivas à salvaguarda do suporte fotográfico. Para melhor entendimento e eficácia das ações desenvolvidas nesse processo, é destacado o conceito de conservação adotado pela UnB (2007, s.p.) em seu Glossário de Conservação e Restauração de Documentos.

[...] conjunto de intervenções diretas, realizadas na própria estrutura física do bem cultural, com a finalidade de tratamento, impedindo, retardando ou inibindo a ação nefasta ocasionada pela ausência de uma preservação. É composta por tratamentos curativos, mecânicos e/ou químicos, tais como: higienização e desinfestação de insetos ou microorganismos, seguidos ou não de pequenos reparos.

O projeto seguiu recomendações específicas para minimizar os ataques contra os vários fatores que poderiam contribuir para a deteriorização do acervo de Sílvio Robatto. Assim sendo, as medidas preventivas auxiliaram a aumentar a vida útil dos documentos.

A seguir, as medidas preventivas adotadas na conservação do acervo:

- Cópias em papel preto e branca (p&b) e colorida (color) foram higienizadas e acondicionadas em envelope de papel com Ph neutro e arquivadas em caixa arquivo;
- Cópias de fotos digitalizadas com interferência foram separadas por temáticas e encadernadas;
- Fotos digitalizadas e copiadas em CD foram importadas para outro tipo de mídia DVD.
- Negativos foram acondicionados em papel de Ph neutro. Estes não foram higienizados no 1º projeto financiado pela Techba.

Após delimitar as temáticas do acervo, com base nos conhecimentos adquiridos através da familiarização com a documentação, foi determinado o arranjo do arquivo, as séries e subséries, tema do próximo capítulo.

6.4 REPRESENTAÇÃO DO ARQUIVO

O arranjo arquivístico é o procedimento utilizado no arquivo permanente. Este é elaborado para representar a estrutura e a funcionalidade do arquivo. É a partir do arranjo que são definidas as séries e subséries do acervo. Schellenberg (1980, p.85) define arranjo como sendo “[...] processo de agrupamento dos documentos singulares em unidades entre si”. Conforme o DBTA (2005, p.37) arranjo é a, “[...] sequência de operações intelectuais e físicas que visam à organização dos documentos de um arquivo ou coleção, de acordo com um plano ou quadro previamente estabelecido”.

O arranjo é um procedimento que visa organizar e preservar a ordem original do documento, reunindo a documentação proveniente de um mesmo fundo, obedecendo a um plano de arquivo. Bellotto (2006, p. 29) afirma que o arranjo é: “[...] agrupamento sistemático dos papéis de um fundo de forma a não se misturarem com os demais fundos”. Vale ressaltar que esse procedimento é inerente à documentação de valor permanente²².

O fundo documental obedece ao princípio arquivístico da proveniência²³, o qual não permite que documentos de origens diferentes se misturem. O arquivo fotográfico pessoal de Sílvio Robatto, produção fotográfica de sua própria autoria, possui peculiaridades no que diz respeito a sua constituição, representado por dois dossiês, assim discriminado:

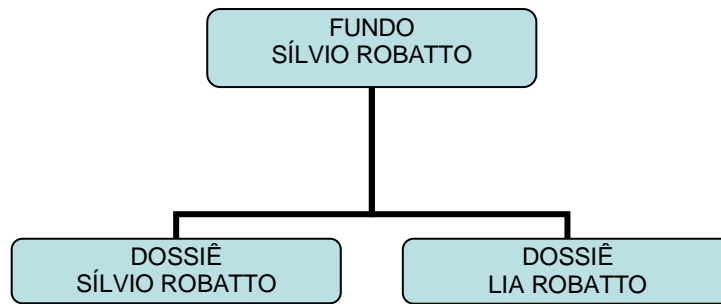
- 1- **Dossiê Sílvio Robatto** – constituído das seguintes séries: arquitetura barroca; arquitetura urbana; família; figuras populares; manifestações religiosas, popular e cultural; patrimônio cultural.
- 2- **Dossiê Lia Robatto** – constituído da série manifestação artística – fotografias produzidas por Sílvio Robatto, quando retratava a trajetória em espetáculos de dança apresentados por Lia Robatto. Esse acervo é atualmente salvaguardado na Escola Baiana de Dança da Fundação Cultura do Estado da Bahia (Funcceb).

Nota-se originalidade na acumulação dos itens fotográficos desse acervo, levando-nos a propor um sistema de arquivo, respeitando a ordem original e a própria proveniência dos documentos. Conforme figura 5.

²² Conjunto de documentos preservados em caráter definitivo em função de seu valor. Também chamado arquivo histórico. (BRASIL, 2005, p.162)

²³ Princípio básico da arquivologia segundo o qual o arquivo produzido por uma entidade coletiva, pessoa ou família não deve ser misturado aos de outras entidades produtoras (ibidem, p.127).

Figura 5- Organograma do arquivo



Fonte: Elaborado pela autora (2013)

A título de ilustração, colocamos abaixo algumas fotografias que representam os dois dossiês:

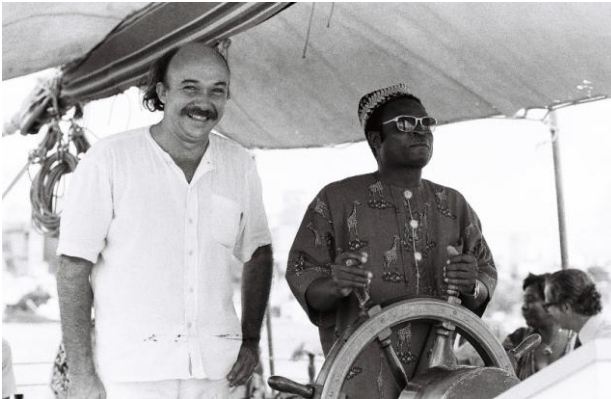
Fotografia 1 – Arquitetura da cidade Salvador



Fonte - Acervo Sílvio Robatto (negativo)

FUNDO : Sílvio Robatto
DOSSIÊ : Sílvio Robatto
SÉRIE : Arquitetura Urbana

Fotografia 2– Família Real da África em visita à Bahia



Fonte: Acervo Sílvio Robatto - (negativo)

FUNDO: Sílvio Robatto
DOSSIÊ: Sílvio Robatto
SÉRIE: Família

Fotografia 3 – Yanka Rudska Solo – Aula



FUNDO: Sílvio Robatto
DOSSIÊ: Lia Robatto
SÉRIE: Manifestação artística
SUBSÉRIE: Espetáculo de Dança

Fonte - Acervo Sílvio Robatto, 1957 - (negativo)

Fotografia 4 – Lia Robatto – Lirismo



FUNDO: Sílvio Robatto
DOSSIÊ: Lia Robatto
SÉRIE: Manifestação artística
SUBSÉRIE: Espetáculo de dança

Fonte - Acervo Sílvio Robatto 1957 - (negativo)

Ainda relacionado ao quadro de arranjo do referido arquivo, foram delimitadas as séries. Estas refletem a subdivisão do fundo, a natureza de sua composição seja estrutural ou funcional. As séries e subséries do arquivo de Sílvio Robatto foram divididas conforme o seguinte quadro abaixo:

Quadro 5– Relação de séries e subséries

SÉRIE	SUBSÉRIE
Arquitetura Barroca	Igrejas; Anjos; Fachada interna e externa de monumentos.
Arquitetura Urbana	Cidade de Salvador, Baía de Todos os Santos.
Embarcação	Canoa c/ Vela; Canoa s/ Vela; Caravela; Escuna; late; Jangada; Lancha; Mar; Navio Cargueiro; Plataforma, Saveiros.
Eventos	Concerto; Exposição.
Família	Filhos; Netos; Lia Robatto, confraternização com amigos, viagens.
Folclore	Artesanato.
Manifestação Artística	Espetáculos de dança, Espetáculo teatral.
Manifestação Religiosa, Popular e Cultural	Festa de Iemanjá, 2 de Julho, Lavagem do Bonfim, Carnaval.
Patrimônio Cultural	Baianas do Acarajé; Filhos de Gandhi.

Fonte: Elaborado pela autora (2013)

O quadro de arranjo garante uma visão sistemática para a visualização do documento arquivístico. Para clarificar, apresentamos abaixo arranjo do acervo robattiano:

Quadro 6– Arranjo do acervo robattiano

SÉRIE: ARQUITETURA BARROCA	
SUBSÉRIES: IGREJA	QUANTIDADE/CROMIA
Anjos	15 color / 24 p/b
Detalhes internos	22 color / 7 p/b
Gradis	8 color / 6 p/b
Fachada das Igrejas	23 color / 6 p/b
Janelas	11 color / 4 p/b
Azulejos	21 color
Portas	22 color / 7 p/b
TOTAL GERAL	176

SÉRIE: ARQUITETURA URBANA	
SUBSÉRIES: CIDADE DE SALVADOR	QUANTIDADE/CROMIA
Cidade Alta, Forte de São Marcelo, late Clube, Porto da Barra	28 color / 72 p/b
TOTAL GERAL	100
SUBSÉRIES: PROJETO ARQUITETÔNICO	QUANTIDADE/CROMIA
Árvores, Raízes e Mangues	61 color / 18 p/b
Palafitas e Casa de Palha	3 color
TOTAL GERAL	82
SÉRIE: EVENTO	
SUBSÉRIES	QUANTIDADE/CROMIA
Exposições	61 color -65 p/b
Concerto	5 p/b
TOTAL GERAL	128
SÉRIE: EMBARCAÇÕES	
SUBSÉRIES	QUANTIDADE/CROMIA
Canoas c/ Velas	36 color / 7 p/b
Canoas s/ Velas	28 color / 1 p/b
Caravelas	1 color / 1 p/b
Escunas	59 color / 8 p/b
late	17 color
Jangadas	32 color / 9 p/b
Lanchas	25 color / 2 p/b
Mar	127 color / 10 p/b
Navio Cargueiro	8 color / 1 p/b
Saveiros	93 color / 7 p/b
TOTAL GERAL	472

SÉRIE: FAMÍLIA	
SUBSÉRIES	QUANTIDADE/CROMIA
Amigos, passeios excursões e viagens.	646 color / 305p/b
Esposa - Lia	6 color / 9 p/b
Família Carvalho	15 color / 7 p/b
Família Robatto	162 p/b / 46 color
Filhos	104 color / 101 p/b
Viagem - Filho Lucas	61 color
Viagem – Filho Lucas e Sílvio	14 color
Viagem – Filhos Lucas e Pedro - Alemanha	106 color
Viagem – Sílvio e Lia	12 color
Viagem – Sílvio e Lia – Amazonas	111 color
Viagem – Sílvio e Lia – Buenos Aires	13 color
Viagem – Sílvio e Lia – Lençóis – Morro de São Paulo e mucugezinho.	12 color
Viagem – Sílvio e Lia – Rio de Janeiro	45 color
Viagens - diversas	24 color
Viagens - Lia	30 color
Viagens - Sílvio	89 color
TOTAL GERAL	1.500
FOLCLORE	
SUBSÉRIE	QUANTIDADE/CROMIA
Artesanato	32 color - 28 p/b
TOTAL GERAL	60

SÉRIE: MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA	
SUBSÉRIES: ESPETÁCULO DE DANÇA	QUANTIDADE/CROMIA
África	10 p/b
Águas de oxalá	03 p/b
Amar amargo	29 p/b
Barroco I	150 p/b
Barroco II	17 p/b
Bienal do recôncavo	02 p/b
O boi espaço	47 p/b
Boi no telhado	58 p/b
Bolero	38 p/b
Caminho	65 p/b
Candomblé	08 p/b
Choque eletrônico	17 p/b
Com – tacto	29 p/b
Criação do mundo	06 p/b
Dança em processo	03 p/b
Dia da filmagem	04 p/b
Dona Claudia	12 p/b
Enlaço	04 p/b
Espetáculo Infantil – Auto de Natal	03 p/b
Espetáculo Infantil – Branca de Neve	12 p/b
Espetáculo Infantil – Dança dos Relógios	01 p/b
Espetáculo Infantil – Ensaio	02 p/b
Espetáculo Infantil – Jogos Infantis	05 p/b
Espetáculo Infantil – Palhaços	02 p/b

Continuação	
Espetáculo Infantil – Peixinhos	02 p/b
Ex-Voto	05 p/b
Grupo Experimental	49 p/b
Interarte	57 p/b
Invenções	193 p/b
Jogo alto	07 p/b
Ópera de Lampião	30 p/b
Lia Dançarina	31 p/b
Lirismo	08 p/b
M'boiuna	110 p/b
Matavigismo	16 p/b
Mobilização	35 p/b
Moça fantasma	27 p/b
Morte, paixão e vida	93 p/b
Movimentalização	12 p/b
Muito é Muito Pouco	18 color
Ópera de Lampião	30 p/b
Ao Pé do Caboclo I	07 p/b
Ao Pé do Caboclo II	69 p/b
Prelúdio Debussy	16 p/b
Projeto Axé	27 color
Salomé	18 p/b
1º Seminário de Dança-Bahia	07 p/b
Senegal – Dança do Tantan	17 p/b
Sertania	36 color / 31 p/b
Os Sertões	48 p/b

Continuação	
Sina	26 p/b
Sinfonia de Salvador	32 p/b
Tchurma	17 p/b
Universo Imaginário de Vilas Lobo	04 p/b
Vertigem do Sagrado	71 p/b
Vira Volta	18 p/b
Vivaldi	02 p/b
YankA Rudzka - Solo	18 p/b
TOTAL GERAL	1.714
SÉRIE: MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA, POPULAR E CULTURAL	
SUBSÉRIE: CARNAVAL	QUANTIDADE/CROMIA
Rua	18 color
Pelourinho	29 color / 1 p/b
Máscaras e Fantasias	153 color / 15 p/b
TOTAL GERAL	216
SUBSÉRIE: 2 DE JULHO	QUANTIDADE/CROMIA
Carro da Cabocla	13 color
Carro do Caboclo	19 color / 1 p/b
Cortejo	55 color
Encourados	8 color
Índio com Pena	11 color
Orquestras e Bandas	19 color
TOTAL GERAL	126
SUBSÉRIE: FESTA JUNINA	QUANTIDADE/CROMIA
Festa de São João - Pelourinho	6 p/b
TOTAL GERAL	6

SUBSÉRIE: IEMANJÁ	QUANTIDADE/CROMIA
Presentes, Oferendas	58 color / 23 p/b
TOTAL GERAL	81
SÉRIE: PATRIMÔNIO CULTURAL	
SUBSÉRIE	QUANTIDADE/CROMIA
Baianas	58 color / 8 p/b
Gandhi	29 color / 1 p/b
TOTAL GERAL	196

Fonte: Elaborado pela autora

6.5 DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA DO ACERVO

A descrição arquivística é o ato responsável em representar informações contidas em documentos e/ou fundo de arquivo, gerando instrumentos de pesquisa. As atividades de descrição são importantes em arquivo porque garantem a compreensão do acervo arquivístico. Segundo Paes (2004, p. 25), descrição arquivística é o “[...] processo intelectual de sintetizar elementos formais e conteúdo textual de unidades de arquivamento, adequando-os ao instrumento de pesquisa que se tem em vista produzir inventário sumário ou analítico, guia, etc”.

Para facilitar a descrição do conjunto documental, foi elaborada uma ferramenta, denominada de “ficha de identificação do acervo” disponível no apêndice III, conforme os padrões da Nobrade. O objetivo é contribuir com a descrição e divulgação do acervo fotográfico em destaque, ainda no anonimato por falta de implementação do sistema arquivístico.

6.5.1 Identificação dos documentos

A ficha de identificação para registrar o acervo fotográfico de Sílvio Robatto foi construída, como já mencionado, seguindo o que preceitua a Nobrade. Assim sendo, os campos referentes à ficha foram distribuídos da seguinte forma:

Campo 1 = área de identificação da Nobrade – onde se registra informação essencial para identificar a unidade de descrição (fundo, série, subsérie, data-limite, local, localização na estante, tipo de suporte).

Campo 2 = área de conteúdo e estrutura – onde se registra informação sobre o assunto e a organização da unidade de descrição (coreógrafa, fotógrafo, dançarinos, música, figurino, tempo/duração).

Campo 3 = Área de pontos de acesso e descrição de assuntos – onde se registra informação sobre o acesso à unidade de descrição (resumo, indexação, notação).

O resumo da ficha de identificação foi elaborado conforme a NBR-6028/2003, que o define como “[...] apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento”. Embasados nesta premissa, elaboramos para cada subsérie, resumo individual, para isto realizamos pesquisa de contexto histórico sobre cada assunto abordado nas séries e subséries.

6.5.2 Indexação

Vários sistemas de classificação foram desenvolvidos pelo homem para representar o assunto do documento, através de termos sistematizados. Estes sistemas visam à padronização dos assuntos das diversas áreas e a recuperação da informação.

Para organizar e representar o conteúdo, ou seja, indexar os documentos do arquivo de Sílvio Robatto foi utilizado um tesauro²⁴ instrumento que representa através de termos sistematizado as diversas áreas do conhecimento.

A Unesco (1973, p.6) define tesauros em torno de dois eixos, o primeiro relacionado com a estrutura e definição do tesauros, o outro eixo relacionado com a função, representação da informação:

- **Primeiro Eixo:** vocabulário controlado e dinâmico de termos relacionados semântica e genericamente cobrindo um domínio específico do conhecimento (grifo nosso).
- **Segundo Eixo:** dispositivo de controle terminológico usado na tradução da linguagem natural dos documentos, dos indexadores ou dos usuários numa linguagem do sistema (linguagem de documentação, linguagem de informação) mais restrita (grifo nosso).

²⁴ Tesauros – lista estruturada de termos associada empregada por analistas de informação e indexadores, para descrever um documento com a desejada especificidade, em nível de entrada, e para permitir aos pesquisadores a recuperação da informação. (CAVALCANTI, 1978, p.27).

O Tesouro é um instrumento que utiliza termos controlados, considerando a estrutura semântica, é responsável por interpretar a linguagem natural dos documentos, e transformá-la em linguagem artificial, sistemática.

Nesta pesquisa, foi utilizado o “Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira”, desenvolvido pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, órgão ligado ao Ministério da Cultura (Minc) e ao Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). Este tesouro foi adotado por se tratar de um instrumento voltado para área da cultura popular brasileira, o que possibilita um leque de possibilidades para representar o conhecimento nessa área.

Apesar do tesouro de folclore e cultura popular brasileira ser um dos únicos existentes nessa área aqui no Brasil, ele não atende na sua totalidade, a todos os assuntos arrolados no acervo de Sílvio. Algumas vezes foi adotada a indexação por termos livres, utilizando a linguagem natural.

O arranjo é um dos procedimentos inerentes ao arquivo permanente, têm como finalidade disponibilizar os documentos arquivísticos segundo o fundo e as séries. Para Paes (1997, p.122), arranjo é a “[...] reunião e ordenação adequada dos documentos [...] uma das funções mais importantes em um arquivo e, por isso, deve ser feito por pessoa qualificada e especializada”.

Após a indexação dos documentos fotográficos para facilitar a localização e quantificação do conjunto documental existente no acervo, foi adotado o método de arquivamento alfanumérico, que utiliza letras e números para representar o documento. O sistema de notação utilizado no arquivo é composto das primeiras iniciais da série e da subsérie, seguido de numeração crescente sequencial. Essa notação (código) foi afixada no verso de cada foto, no intuito de controlar a quantidade existente de cada série e se precaver de extravio do conjunto documental. Para esclarecer as informações acima descritas foi elaborado esquema abaixo:

Exemplo:

Série = Manifestação religiosa, popular e cultural
Subsérie = Dois de Julho

Onde:

MRPCDJ: Indica a série manifestação popular e cultural - Dois de julho

0001 / 0525: Indica a primeira fotografia da série de um total de 525.

Conforme quadro de notação abaixo:

Quadro 7– Notação

SÉRIE	NOTAÇÃO
Arquitetura Barroca	ARQBAR
Arquitetura Urbana	ARQURB
Embarcação	EMBA
Eventos	EVE
Família	FAM
Figuras Populares	FPOP
Manifestação Artística	MARED
Manifestação Religiosa, Popular e Cultural	MARCP
Patrimônio Cultural	PCUL

Elaborada pela autora

Para a elaboração da ficha de identificação a fim de adequar as informações, contidas em cada documento fotográfico com os campos da Nobrade, foi analisada cada fotografia, através da leitura dos elementos encontrados nas imagens, e que, por sua vez, auxiliassem na identificação de cada evento retratado. As fotografias desse arquivo não possuíam legendas. As entrevistas com Lia Robatto auxiliaram na identificação das fotografias.

A ficha de identificação foi criada com a finalidade de facilitar a descrição do documento fotográfico. Para a descrição foram adaptados os elementos de identificação da fotografia aos campos da Nobrade, com o objetivo de propiciar a recuperação e conseqüentemente a disseminação das informações, e permitir melhor compreensão da organização do arquivo.

Como todo processo de descrição arquivística resulta na elaboração de um instrumento de pesquisa, essa escavação teve como produto final a elaboração de um inventário, que permitirá ao pesquisador localizar e recuperar o documento fotográfico no acervo.

Através da metodologia proposta nesta pesquisa todo acervo de cópias em papel p&b e color do mencionado arquivo foram descritas, perfazendo um total de 11 séries, 38 subséries e 118 fichas de identificação preenchidas.

Para Couture (1999, p.357), essa ação é “um processo intelectual de identificação e de reagrupamento sistemático de documentos de acordo com características comuns”. Para o autor, Essa atividade destina-se a criar métodos e regras para categorizar o conjunto documental segundo a série e/ou subsérie, ordenado de acordo com suas peculiaridades. O processo de representação da informação é muito importante para a arquivologia e visa beneficiar a ação da recuperação da informação.

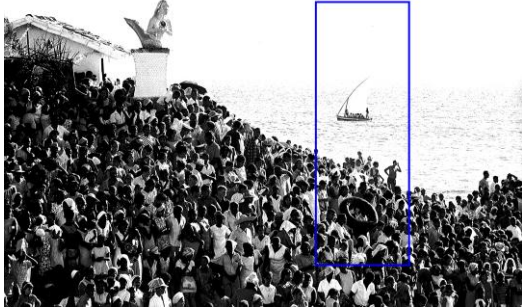
Para ilustrar a contextualização da descrição e do instrumento de pesquisa arquivística, serão apresentados abaixo exemplos de fichas de identificação preenchidas de acordo com proposta sugerida nesta pesquisa.

Figura 6 – Série Manifestação religiosa, popular e cultural – 2 de Julho

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO	
	
FUNDO: Sílvio Robatto	SÉRIE: Manifestação Popular
SUBSÉRIE: 2 de julho	DATA-LIMITE: 1960-2008
CIDADE: Salvador (Ba) – Igreja Nossa Senhora Rosário dos Pretos.	LOCALIZAÇÃO: CX-17
TIPO DE SUPORTE	
TIPOS	QUANTIDADE
DIGITALIZADA	226
CÓPIA EM PAPEL (ORIGINAL)	125 Color – 02 P&B
INFORMAÇÕES TÉCNICA	
CORÉOGRAFA:	FOTÓGRAFO: Sílvio Robatto
DANÇARINOS:	MÚSICA:
DESCRIÇÃO	
<p>RESUMO: Festa da independência do Brasil em terras baianas. O cortejo acontece todos os anos no dia 2 de julho na cidade de Salvador (Ba.), tendo seu início no Largo da Lapinha no Pavilhão Dois de Julho, onde se encontram as imagens do Caboclo e da Cabocla, símbolos da Independência da Bahia. Com um grande desfile popular juntamente com as imagens do Caboclo e da Cabocla, forma que a população tem para reverenciar a força nativa sobre as tropas lusitanas derrotadas em 1823, este desfile percorre várias ruas históricas da cidade até chegar a seu apogeu no Largo do Campo Grande ou Praça Dois de Julho. (texto elaborado pela autora).</p> <p>PALAVRAS-CHAVE: Manifestação popular. Manifestação cultural. Dois de julho. Caboclo. Cabocla. Índios. Vaqueiros. Carros alegóricos. Encourados. Orquestra. Bandas. Afoxés de penas.</p> <p>NOTAÇÃO: MRPCDJ-0001/127</p>	

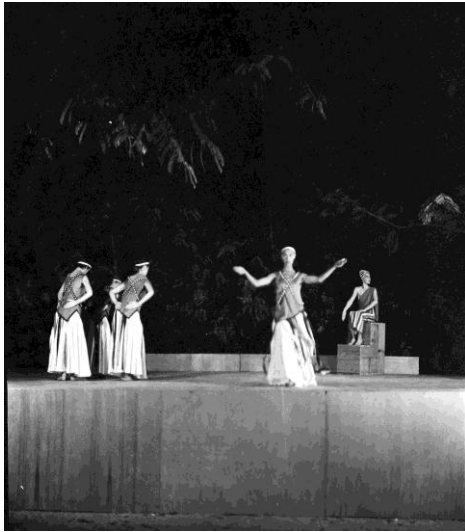
Fonte : Elaborado pela autora

Figura 7– Série Manifestação religiosa, popular e cultural - Festa de Iemanjá

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO	
	
FUNDO: Sílvio Robatto	SÉRIE: Manifestação Popular
SUBSÉRIE: Festa de Iemanjá - 2 de fevereiro	DATA-LIMITE: 19?
CIDADE: Salvador (Ba) - praia do Rio Vermelho	LOCALIZAÇÃO: CX-17
TIPO DE SUPORTE	
TIPOS	QUANTIDADE
DIGITALIZADA	100
CÓPIA EM PAPEL (ORIGINAL)	59 Color – 17 P&B
INFORMAÇÕES TÉCNICA	
CORÉOGRAFA:	FOTÓGRAFO: Sílvio Robatto
DANÇARINOS:	MUSICA:
DESCRIÇÃO	
<p>RESUMO: A Festa de Iemanjá na cidade de Salvador (Ba.) ocorre anualmente, no dia 2 de fevereiro, sendo uma das maiores festas do país em homenagem à "Rainha do Mar". A celebração envolve milhares de pessoas que, trajadas de branco e azul, saem em procissão até a colônia dos pescadores localizada no bairro do Rio Vermelho, onde os fiéis depositam variedades de presentes e oferendas para a Rainha do Mar (Iemanjá), tais como espelhos, bijuterias, comidas, perfumes, etc. Foto com intervenção (elaborado pela autora).</p> <p>PALAVRAS-CHAVE: Manifestação popular. Festa popular. Festa de largo. Lavagem de Iemanjá. Procissão Cortejo. Oferendas. Candomblé.</p> <p>NOTAÇÃO: MRPCYM -0001/0076</p>	

Fonte : Elaborado pela autora

Figura 8– Série Manifestação Artística - Espetáculo de Dança - Candomblé

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO	
	
FUNDO: Sílvio Robatto	SÉRIE: Manifestação Artística
SUBSÉRIE: Espetáculo de Dança	DATA-LIMITE: 1957
CIDADE: Salvador (Ba) - Pátio do Hospital Edgar Santos - Hospital das Clínicas - Ufba	LOCALIZAÇÃO: CX-05
TIPO DE SUPORTE	
TIPOS	QUANTIDADE
DIGITALIZADA	
CÓPIA EM PAPEL (ORIGINAL)	16 p&b
INFORMAÇÕES TÉCNICA	
COREÓGRAFA: Yanka Rudska	FOTÓGRAFO: Sílvio Robatto
DANÇARINOS:	MÚSICA:
DESCRIÇÃO	
<p>RESUMO: Primeiro espetáculo de dança da Escola de Dança da Bahia da Universidade da Bahia atualmente Universidade Federal da Bahia (UFBA). Participação do conjunto de dança contemporânea da Universidade (elaborado pela autora).</p> <p>PALAVRAS-CHAVE: Manifestação Artística. Espetáculo de Dança. Candomblé.</p> <p>NOTAÇÃO: MAEDCA-0001/0016</p>	

Fonte : Elaborado pela autora

Figura 9– Série Manifestação Artística – Espetáculo de Dança – Lirismo


FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



FUNDO: Sílvia Robatto	SÉRIE: Manifestação Artística
SUBSÉRIE: Espetáculo de Dança	DATA-LIMITE: 1957
CIDADE: Salvador (Ba) - Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia	LOCALIZAÇÃO: CX-05
TIPO DE SUPORTE	
TIPOS	QUANTIDADE
DIGITALIZADA	03
CÓPIA EM PAPEL (ORIGINAL)	08 pb
INFORMAÇÕES TÉCNICAS	
COREÓGRAFA: Yanka Rudska	FOTÓGRAFO: Sílvia Robatto
DANÇARINOS: Lia Robatto	MÚSICA:
DESCRIÇÃO	
<p>RESUMO: Primeiro Espetáculo de dança da Escola de Dança da Universidade da Bahia (UFBA), participação do Grupo de Dança Contemporâneo da Escola de Dança da Bahia. Possui foto com intervenção (elaborado pela autora).</p> <p>PALAVRAS-CHAVE: Manifestação Artística. Espetáculo de Dança. Lirismo.</p> <p>NOTAÇÃO: MAEDLI-0001/0006</p>	


Fonte : Elaborado pela autora

Figura 10 – Série Arquitetura Urbana – Cidade de Salvador

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO	
	
FUNDO: Sílvio Robatto	SÉRIE: Arquitetura Urbana
SUBSÉRIE: Cidade de Salvador	DATA-LIMITE: 19?
CIDADE: Salvador (Ba) - Cidade Baixa	LOCALIZAÇÃO: CX-17
TIPO DE SUPORTE	
TIPOS	QUANTIDADE
DIGITALIZADA	25
CÓPIA EM PAPEL (ORIGINAL)	28 color – 72 p&b
INFORMAÇÕES TÉCNICA	
COREOGRÁFA:	FOTOGRAFO: Sílvio Robatto
DANÇARINOS:	MÚSICA:
DESCRIÇÃO	
<p>RESUMO: Vista panorâmica da Baía de Todos os Santos, e do elevador Lacerda. Este elevador é considerado o primeiro elevador urbano do mundo. Foi inaugurado em 8 de dezembro de 1873, era o mais alto do mundo, cerca de 63 metros de altura. Localizado na cidade de Salvador, cumpre a função de transporte público entre a Praça Cairú (cidade baixa), e a Praça Thomé de Souza, (cidade alta), atualmente é um dos principais pontos turísticos e cartão postal da cidade. Do alto de suas torres, descortina-se a vista da Baía de Todos os Santos, do Mercado modelo e, ao fundo, o forte do mar. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Elevador_Lacerda).</p> <p>PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura urbana, Salvador-Baía de Todos os Santos, Elevador Lacerda.</p> <p>NOTAÇÃO: ARQURB-0001/100</p>	

Fonte : Elaborado pela autora

Figura 11– Série Patrimônio Cultural – Saveiros

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO	
	
FUNDO: Sílvio Robatto	SÉRIE: Patrimônio Cultural
SUBSÉRIE: Saveiros	DATA-LIMITE: 19?
CIDADE: Salvador - Barra	LOCALIZAÇÃO: CX-17
TIPO DE SUPORTE	
TIPOS	QUANTIDADE
DIGITALIZADA	
CÓPIA EM PAPEL (ORIGINAL)	
INFORMAÇÕES TÉCNICA	
COREOGRÁFA:	FOTÓGRAFO: Sílvio Robatto
DANÇARINOS:	MÚSICA:
DESCRIÇÃO	
<p>RESUMO: Regata João das Botas é um evento náutico realizado anualmente desde a década de 1970, sob auspícios da Capitania dos Portos, na cidade de Salvador. Seu nome homenageia o herói da guerra de Independência da Bahia em 1823, João das Botas, e ocorre entre os meses de janeiro e fevereiro de cada ano. Tem sua largada no Porto da Barra, passando até perto da ilha de Itaparica, seguindo até a Cidade Baixa e finalmente retornando ao ponto de início. Dela participam todos os tipos de embarcações: fragatas, catamarãs, etc., mas a que tem maior destaque são os Saveiros (BOCHICCHIO, 2008).</p>	
<p>PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Cultural, Regata de saveiros, Porto da Barra-Salvador.</p>	
<p>NOTAÇÃO: EMBARSAV-0001/100</p>	

Fonte : Elaborado pela autora

A Secretaria da Cultura do Estado da Bahia (SECULT) sob o apoio da Diretoria de Audiovisual (Dimas), através de projeto intitulado “A Bahia segundo o olhar de Sílvio Roberto”, está patrocinando financeiramente a 2ª etapa da gestão do acervo de Sílvio, referente à higienização e digitalização dos negativos. Após a digitalização dos negativos estas imagens serão copiadas em DVD e distribuídas para as bibliotecas públicas de Salvador e Região Metropolitana que incluem: Camaçari, Dias D’Ávila, Lauro de Freitas e Mata de São João.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nada há como começar para ver como é árduo concluir” (VICTOR HUGO).

O registro de imagens vem sendo uma prática realizada pelos seres humanos desde a Pré-História através dos desenhos rupestres. Essa prática vem ao longo dos séculos sendo aperfeiçoada. Atualmente, como resultado dos avanços tecnológicos, é possível também armazenar as imagens em diversos tipos de dispositivos móveis.

A fotografia é um suporte documental que reconstrói a imagem passada, seja ela de cunho histórico, cultural, informacional, ou familiar. Logo, a fotografia funciona como extensão da memória. Esse dispositivo exerce imenso fascínio, por registrar a imagem como ela é. A característica polissêmica da fotografia possibilita uma infinidade de representações e interpretações.

A fotografia é uma importante fonte documental que serve de auxílio na produção de conhecimento sobre uma época, determinado acontecimento e acompanhar transformações ocorridas na sociedade. O documento fotográfico pode subsidiar pesquisa histórica e em outras áreas do conhecimento. No entanto, para a fotografia possa auxiliar as pesquisas e estudos nas diversas áreas do conhecimento, o documento fotográfico necessita de cuidados especiais no que diz respeito a sua organização, representação e preservação.

O documento fotográfico pode ser armazenado em qualquer unidade de informação como arquivo, biblioteca, museu e/ou centro de documentação. Apesar de cada uma dessas unidades demandarem tratamento técnico diferenciado para o mesmo, estas têm a mesma finalidade de seja criar instrumentos que possibilitem a disseminação e a recuperação da informação.

Qualquer documento é suscetível de análise. A imagem fotográfica sem contextualização não representa uma mensagem. Portanto, para que a fotografia torne-se fonte de informação deve ser descrita e indexada.

O objetivo proposto nesta pesquisa foi alcançado através da metodologia descrita. A descrição arquivística e a indexação do arquivo fotográfico de Sílvio Robatto foram realizadas. A Nobrade, além de ser utilizada para a descrição dos documentos convencionais do tipo textual em papel, também pode ser aplicada para representar os documentos não convencionais como imagens, filmes e fotografias.

Essa norma pode ser aplicada para descrever qualquer tipo de documento independente do tipo de suporte.

A organização e a representação da informação aplicada ao arquivo fotográfico de Sílvio Robatto seguem os preceitos práticos da CI. As considerações finais aqui apresentadas estão desenvolvidas em torno de dois eixos apresentados a seguir:

O primeiro eixo diz respeito à relevância histórica, sociocultural e artística do acervo fotográfico de Sílvio Robatto para a Bahia. A fotografia é importante na reconstrução da memória sociocultural e o acervo objeto desta pesquisa, constitui-se prova histórica de acontecimentos sociais e culturais de grande relevância ocorridos em décadas passadas no estado da Bahia. Esse fato permite aludir à afirmativa de Sontag (1981, p.5): “[...] determinada coisa que ouvimos falar, mas que suscita dúvidas, parece-nos comprovadas quando dela vemos uma fotografia”.

Em 2010 com a consolidação do patrocínio da empresa de engenharia, Techba Serviços e Consultoria Ltda, e o apoio do Escritório de Arquitetura de Fernando Peixoto, foi exposto o arquivo fotográfico constituído por Sílvio Robatto ao longo dos anos evidenciando a sua relevância para a história da Bahia. Entre as temáticas retratadas nas fotografias estavam: Arquitetura Barroca, Embarcações, Espetáculos de Dança, Figuras Populares, Folclore, Manifestações Populares e Projeto Arquitetônico da Cidade de Salvador.

Ainda sobre o primeiro eixo, o Professor Ubiratan Castro de Araújo, ex-diretor-geral da Fundação Pedro Calmon, unidade da Secretaria de Cultura do Governo da Bahia, conforme pode ser visto no anexo I, assegurou em pronunciamento que, “As fotos de Sílvio Robatto são a fonte viva do imaginário popular baiano sobre os elementos fundantes de nossa identidade”. (ARAÚJO, 2012), corroborando com o valor histórico, sociocultural e artístico do arquivo fotográfico de Sílvio.

O segundo eixo das considerações finais indica algumas questões relevantes quanto à imperiosa necessidade de tratamento técnico adequado relativo a documentação fotográfica, possibilitando o seu *status* de fonte de informação.

Cumprir destacar como forma positiva desta pesquisa as seguintes atividades:

- Elaboração do arranjo que consistiu no estabelecimento do fundo, dos grupos, das séries e subséries.

- Política de preservação e conservação das cópias em papel e das imagens digitais, muito embora ainda não atendam totalmente as necessidades desse tipo de material que necessitam de cuidados especiais, um grande passo a frente foi dado.
- Representação descritiva e temática do acervo fotográfico, de acordo com o que preceitua a Nobrade.
- Criação de instrumento de pesquisa (inventário), elemento importante que tem como finalidade facilitar a busca, localização, disseminação e da informação contida no arquivo de Sílvia.

Quanto à inviabilidade de disseminação do acervo, isso foi totalmente resolvido. Após o tratamento técnico adequado e da elaboração do inventário, algumas fotos desse acervo referente à série manifestação religiosa, cultural e popular, subsérie: Dois de Julho foram expostas na galeria de fotos da Biblioteca Virtual Dois de Julho, disponível no sítio:

<http://www.bv2dejulho.ba.gov.br/portal/index.php/exposicoes-virtuais/colecao-Silvia-robato.html>.

Ainda existem pontos a serem explorados neste arquivo fotográfico. Através dos princípios estabelecidos pela CI, esta pesquisa não esgotou todas as possibilidades de estudo que se apresentam em relação ao referido arquivo. Algumas sugestões futuras para este arquivo:

- Adoção de vocabulário controlado na área de manifestações populares e culturais do estado da Bahia, a fim de melhorar a abrangência dos descritores.
- Realização de estudo mais aprofundado sobre dimensão expressiva da imagem fotográfica.
- Análise documentária e organização das imagens digitais.

Através das informações abordadas nesse estudo de caso, é possível mostrar que as temáticas retratadas no referido arquivo podem subsidiar futuros estudos sobre a cultura baiana entre outras temáticas. O arquivo fotográfico apresentado é de grande valor para a reconstrução de fatos passados, pois retrata a história e a memória da sociedade baiana. Apesar de se configurar como uma documentação de valor histórico capaz de resgatar e reconstituir estes momentos, são fotografias que ainda se encontram armazenadas em ambiente familiar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. A. A construção Social da Informação: dinâmicas e contextos. *Ciência da Informação*, Brasília, v.2 n.5, out. 2001.

ARAÚJO, L.V. **Fonte de informação**. Disponível em: <<http://www.cid.unb.br/123/M0011000> >. Acesso em mar./2012.

ARAÚJO, U.C. **Coleção Sílvio Robatto, 2012**. Disponível em: <<http://www.bv2dejulho.ba.gov.br/portal/index.php/exposicoes-virtuais/colecao-Silvio-robato.html>>. Acesso em: jul./2012.

ARQUIVO Nacional (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf> >. Acesso em: jul./13.

ARTIÉRCES, P. **Arquivar a própria vida**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/FVG, 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 6028/2003**. Esta Norma estabelece os requisitos para redação e apresentação de resumos. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

BARRETO, A. A. Uma história da ciência da informação. In: TOUTAIN, L.M.B.B. **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. (Saladeaula; 6). Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf>>. Acesso em: abr./2013.

BARTHES, R. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivística: objetos, princípios e rumos**. São Paulo: Associação dos Arquivistas de São Paulo, 2002.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: 4.ed.- Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo**. São Paulo : Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002a.

BERNARDES, I.P. **Como avaliar documentos de arquivo**. São Paulo : Arquivo do Estado, 1998.

BIREME. **Fonte de informação**. Disponível em: <http://wiki.bireme.org/pt/index.php/Fonte_de_informa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: mar./13.

BOCHICCHIO, Regina. Nas águas da tradição. **Jornal a tarde**, 24 de fevereiro de 2008.

BRASHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: **IX ENANCIB**, São Paulo: ANCIB, 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. **Lei nº 8.159**, de 08 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Brasília: Imprensa Nacional, 1991.

_____. **NOBRADE**: norma brasileira de descrição arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

BRIGIDIT, Fabiana Hennies. **Fotografia**: uma fonte de informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Monografia (graduação). 2009.

BROOKES, Bertram. The foundations of information science. Part I. **Philosophical aspects**. *Journal of Information Science*, v. 2, p. 125-133, 1980.

CARDOSO, R. **Signo, base da comunicação**. Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. 2006.

CAVALCANTI, C. R. **Indexação e tesouro**: metodologia e técnica, Brasília, ABDF, 1978.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). **O que são arquivos pessoais**. Rio de Janeiro: FGV. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>>. Acesso em : Maio/2013.

LE COADIC, Y.F. **A ciência da informação**. Tradução de Maria Yêda F.S. de Filgueiras Gomes. 2.ed. rev. e atual. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. **ISAAR(CPF)** : norma internacional de registro de autoridade arquivística para entidades coletivas, pessoas e famílias/tradução de Vitor Manoel Marques da Fonseca. 2. ed., Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. **ISAD(G)** : norma geral internacional de descrição arquivística: segunda edição, adotada pelo Comitê de Normas de Descrição, Estocolmo, Suécia, 19-22 de setembro de 1999, versão final aprovada pelo CIA. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000.

COUTURE, C.; ROUSSEAU, J.Y. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

DAHLBERG, I. Teoria da classificação, ontem e hoje. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, Rio de Janeiro, 12-17 de setembro de 1972. **Anais...** Brasília, IBICT/ABDF, 1979. v. 1, p. 352-370. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bit/dahlbergteoria/dahlberg_teoriam.htm>. Acesso em: Abril/2012.

DUARTE, Z. **O espólio incomensurável de Godofredo Filho**: resgate da memória e estudo arquivístico. Salvador: ICI, 2005.

_____. Conservação e restauração de documentos fotográficos. In: **Encontro de Editoração da Bahia**. Salvador: Instituto Baiano do Livro, 1996. p.89-102.

DURANTI, L. Origin and development of the concept of archival description. In: **Archivaria**, 35, 1993. Disponível em: <<http://journals.sfu.ca/archivar/index.php/archivaria/article/viewFile/11884/12837>>. Acesso em: abr./13.

ERBOLATO, M.L. **Dicionário de propaganda e jornalismo**: legislação, termos técnicos e definições de cargos e funções, abrangendo as atividades das agências de propaganda e do jornalismo impresso, radiofônico e de televisão. Prefácio do Prof. J.B. Pinho. Campinas: Papyrus. 1985. p.70-71.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1994.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5.ed. Campinas (SP): Unicamp, 2003. Tradução: Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges.

GOMES, H.F. A interligação entre comunicação e informação. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v.11, n.3, jun/10.

GROPPER, S. **Sílvio Robatto – Um homem feliz**. Coleção Gente da Bahia. Assembleia Legislativa da Bahia: 2013. (no prelo).

IDICIONÁRIO Aulete. Lexikon Editora Digital. Disponível em: http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital. Acesso em Jan./13.

KOBASHI, N.Y. Análise documentária e representação da informação. **Informare - Cad. Prog. Pós-Grad.Ci**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 5-27, jul./dez. 1996.

KOSSOY, B. **Fotografia & história**. 3.ed. São Paulo: Atelier Editorial, 2001.

_____. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989. (Princípios, 176).

KOSSOY, B. **Origens e expansão da fotografia no Brasil**. Rio de Janeiro: Funarte. 1980.

LACERDA, A. L. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, n.1, jan.-mar. 2012.

LEÃO, F.C. **A representação da informação arquivística permanente: a normalização descritiva e a ISAD(G)**. 81 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MAGALHÃES, A.; PELEGRINO, N.F. **Fotografia no Brasil**; um olhar das origens ao contemporâneo. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

MAIMONE, G.D. ; TÁLAMO, M.F.G.M. Tratamento informacional de imagens artístico-pictóricas no contexto da ciência da informação. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v.9 n.2 abr./08, Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr08/Art_02.htm>. Acesso em: Maio/2011.

MANINI, M.P. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. Tese (Doutorado em Ciências

da Comunicação), Escola de Comunicação e artes, Universidade de São Paulo. 2002.

_____. Leitura de informações imagéticas: ajustes ainda necessários ao “novo” paradigma. In: _____. *Imagem, memória e informação*. Brasília: Ícone Editora, 2010.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINEZ, L.V. **Nobrade**: sua aplicação na descrição da fotografia como documento dentro das diversas áreas da ciência da informação. TCC, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

MAUD, A.M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, 1996.

MUELLER, S.P.M. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: _____. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Bernadete Santos Campello, Beatriz Valadares Cedón, Jeannette Margarite Kremer (Org.). Belo Horizonte. Editora UFMG, 2000. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=GbPc-E5WQHAC&printsec=frontcover&dq=bernadete+campello&hl=pt-BR&sa=X&ei=zJAqUae2Aojq9ASN_YCgDw&ved=0CDcQ6AEwAQ>. Acesso: abr./2013.

NUNES, P.M. O que as imagens fazem. In: _____. **Imagem, memória e informação**/ Miriam Paula Manine; Otacílio Guedes Marques; Nancy Campos Muniz (org.).- Brasília: Ícone Editora e Gráfica, 2010.

OLIVEIRA, E.M. **Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital**. Biblioteca online de Ciências da Comunicação, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: abr./ 2011.

PAES, M. L. **Arquivo**: teoria e prática. 3.ed. rev. ampl. - Rio de Janeiro: FGV, 1997. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?isbn=852250220X>>. Acesso em: out./2012.

PIEIDADE, M. A. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

PINTO, M. C. M. F. Análise e representação de assuntos em sistema de recuperação da informação: linguagens de indexação. **Rev. Esc. Biblioteconomia**, UFMG, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 169-186, set. 1985. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>>. Acesso: abr./2012.

PONTES, A. **Notas sobre uma experiência com fotografia PB**. São Paulo: Unicamp, Departamento de Multimeios. 2004.

ROBATTO, L. **Dança em processo**: a linguagem do indizível. Salvador: Centro e editorial e didático da Ufba. 1994.

RODRIGUES, R.C. **Análise e tematização da imagem fotográfica determinação, delimitação e direcionamento dos discursos da imagem fotográfica**. Tese

(Doutorado em Ciência da Informação), Universidade de Brasília, Faculdade Ciência da Informação, 2011.

RODRIGUES, R.C. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ci.Inf.**, Brasília, v.36, n.3, p. 67-76, set./dez. 2007.

SANTAELLA, L. **A percepção**: uma teoria semiótica. São Paulo: Experimento, 1993.

_____; NÖTH, W. **Imagem**: Cognição, Semiótica, Mídia. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SANTOS, Z. D. M. **Arranjo e descrição do espólio de Godofredo Filho**: estudo arquivístico e catálogo informatizado. Tese (doutorado em). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Letras. 2000.

SARMENTO, A. G. S. Preservar para não restaurar. In: Simpósio Internacional de Propriedade Intelectual, Informação e Ética, 2003, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2003. Disponível em: <<http://www.ciberetica.org.Br/trabalhos/anais/1-20-c1-20.pdf>.> Acesso em: fev. /13.

SCHAEFFER, J.M. **A imagem precária sobre o dispositivo fotográfico**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

SCHELEMBERG, T.R. **Arquivos modernos**: princípios e técnicas 6.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SHERA, J. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 9-12, 1977. Tradução de Maria Esther de Araújo Coutinho, CNPq. Revisão de Helena Medeiros Pereira Braga e Heloisa Tardin Cristovão, IBICT.

SILVA, A. M. et al. **Arquivística**: teoria r prática de uma ciência da informação. 3.ed. Porto: Edições Afrontamentos, 2009.

_____. **A informação**: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico. Porto: Edições Afrontamentos, 2006a.

SONTAG, S. **Ensaio sobre a fotografia**. Trad. Joaquim Paiva. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

UNESCO. **Guidelines for the establishment and development of monolingual thesauri**. [s.n.t]. 37p.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Conservação e restauração de documentos**: glossário. Organizado por : Miriam Manine e Lilian Alvares. Brasília: UnB. 2007?

FICHA DE DIAGNÓSTICO

Título do Acervo:

Endereço do Arquivo:

Diagnóstico:

Condições de conservação:

Bom

Ruim

Péssimo

Tipos de suportes:

Negativos: Sim

Não

Cópias em papel: Sim

Não

Cópias digitais: Sim

Não

Diapositivo: Sim

Não

Quantidade aproximada:

Negativos:

Cópias em papel:

Cópias digitais:

Descrição geral do acervo: _____

ROTEIRO GUIA

1. A partir de quando Sílvio começou a guardar a sua produção fotográfica?
2. Sílvio fotografava por hobbies ou profissionalmente?
3. O que ele mais gostava de fotografar?
4. O acervo possui alguma organização, classificação?
5. Quando Sílvio começou a digitalizar o seu acervo?
6. Após seu falecimento, qual a destinação do acervo fotográfico?

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Colocar a Imagem	
FUNDO:	SÉRIE:
SUBSÉRIE:	DATA-LIMITE:
CIDADE:	LOCALIZAÇÃO:
TIPO DE SUPORTE	
TIPOS	
DIGITALIZADA	
REVELADAS EM PAPEL (ORIGINAL)	
INFORMAÇÕES TÉCNICAS	
COREÓGRAFA:	FOTÓGRAFO:
DANÇARINOS:	MÚSICA:
FIGURINO :	
DESCRIÇÃO	
RESUMO:	
INDEXAÇÃO:	
NOTAÇÃO:	

Elaborado pela autora

ANEXO I

Coleção Sílvia Robatto

Ubiratan Castro de Araújo

Se é verdade que a fotografia é a arte da luz, Sílvia Robatto foi a luz das artes na Bahia do século XX. Já nasceu fotógrafo, por legítima herança do pai Robatto, festejado fotógrafo. Recebeu como dote de casamento a vivência íntima com as artes baianas através uma das mais expressivas lideranças artísticas da Bahia, a dançarina, coreógrafa e professora Lia Robatto. Por isso entendemos a preciosidade do acervo fotográfico que produziu ao longo de sua vida. Registrou e iluminou espetáculos, performances, oficinas, exposições, tanto da dança como do teatro e de outras expressões artísticas populares na Bahia. Como parte deste tesouro, há um lote de negativos com as imagens dos festejos populares do 2 de Julho. Trata-se de uma fonte iconográfica realmente indispensável para o estudo da História da Bahia.

O 2 de Julho tem entrada dupla na História da Bahia. Por um lado, é a celebração da vitória brasileira na guerra que assegurou a Independência e a integridade territorial do Brasil, por outro é a história da preservação da memória do dia em que o povo ganhou nas celebrações anuais do 2 de Julho. Em cada celebração anual da vitória, tendo o próprio 2 de Julho como bandeira, o povo fez história, lutando contra a carestia de gêneros, lutando contra a escravidão, proclamando as liberdades individuais, defendendo a democracia contra as várias conjunturas de tirania no Brasil. As fotos de Sílvia Robatto são a fonte viva do imaginário popular baiano sobre os elementos fundantes de nossa identidade.

A divulgação da Coleção 2 de Julho de Sílvia Robatto na Biblioteca Virtual 2 de Julho só foi possível pela gentileza de sua esposa, ex-presidente do Conselho de Cultura do Estado da Bahia, a professora Lia Robatto. Obrigado Lia. Fique certa que a Fundação Pedro Calmon/SecultBA será uma voz firme na defesa da criação de um espaço cultural dedicado ao conjunto da obra de Sílvia Robatto.

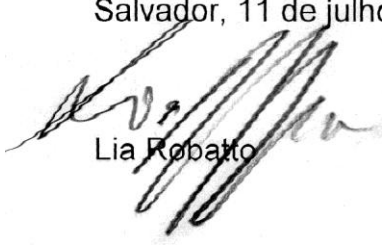
Disponível em:

<http://www.bv2dejulho.ba.gov.br/portal/index.php/exposicoes-virtuais/colecao-Silvia-robato.html>

DECLARAÇÃO

Eu Lia Robatto, viúva do arquiteto e fotografo Sílvio Robatto, pelo presente instrumento autorizo a Dra. Zeny Duarte e a mestranda Sonia Maria Ferreira da Silva utilizarem imagens fotográficas do acervo fotográfico de Sílvio Robatto, para fins acadêmicos.

Salvador, 11 de julho de 2013



Lia Robatto

ANEXO III

Depoimento pessoal de Sílvio Robatto acerca da exposição Barroco Rebolado.

BARROCO REBOLADO

Filho e neto de fotógrafos, venho lidando com câmaras e laboratórios desde os quinze anos de idade e hoje guardo o resultado de quase cinqüenta anos de atividade num acervo mais ou menos preservado de negativos e ampliações. Agora encontrei tempo para rever esse material e fiquei estimulado para realizar com ele um trabalho utilizando a computação gráfica, processo que veio substituir com vantagens as técnicas fotográficas tradicionais de interferências em imagens que eu vinha utilizando até então.

Sempre realizei pessoalmente cada uma das etapas do processo fotográfico, utilizando a câmara e assumindo também as lides de laboratório, o que me permite gerar um produto trabalhado e interferido em todos os passos que conduzem à obtenção da forma final da foto. O computador veio abrir extraordinariamente o leque de possibilidades, permitindo alterações na própria forma, no contraste, no brilho, na intensidade, nas texturas na nitidez e até mesmo na adição de cores que no presente trabalho ficaram limitadas a um palheta de 16 variáveis das quais raramente usei mais de três numa foto. O produto final resulta híbrido com a estrutura formal definida em preto ou numa cor primária, sem nenhuma intenção de obter a verosimilitude formal ou cromática do objeto fotografado, buscando uma estética onde a obtenção da imagem no ato de fotografar com uma câmara possui tanta importância quanto o processamento gráfico realizado posteriormente. Procurei respeitar a integridade de cada matriz evitando combinar imagens provenientes de negativos diversos, optando ainda por utilizar uma baixa resolução (cerca de 150 dpi), suficiente para uma boa impressão em papel no formato A-4, agradável de trabalhar pela rapidez das operações, produzindo imagens com o máximo de 1,44 Mb e capazes de serem arquivadas individualmente em disquetes convencionais.

Do acervo disponível, escolhi dois temas que pensei inicialmente em abordar de forma separada:

Um deles o **Barroco** da arquitetura tradicional baiana, principalmente o encontrado nas nossas igrejas com a exuberância dos seus detalhes decorativos e a efervescência formal dos seus adornos em talha dourada, pinturas e azulejos.

O outro tema foi o das **Manifestações Populares** da cidade do Salvador e do Recôncavo Baiano, nas festas de largo, desde a solenidade das procissões e a beleza dos presentes ofertados em cerimônias dedicadas aos Orixás das águas, passando pela ternura dos festejos do ciclo natalino até o deboche irreverente do Carnaval.

As fotos são todas da minha autoria, e a minha formação de arquiteto e de ainda ardoroso freqüentador das festas de largo me colocam inteiramente à vontade nos dois assuntos.

Comecei a organizar o material e cheguei à conclusão que os dois temas tinham muitos pontos em comum e as festas de largo atuais mantinham uma extraordinária coerência com o estilo das velhas igrejas.

ERA TUDO A MESMA DANÇA !

Os baianos vinham misturando o sagrado e o profano há muitos anos num admirável processo de sincretismo. Os detalhes que recobrem as paredes, o mobiliário e que adornam as imagens das nossas seculares igrejas têm muito a ver com a maneira atual que o nosso povo usa as suas fantasias e máscaras ou pinta o corpo quase nú no carnaval, ou quando veste as roupas de preceito nas festas religiosas.

O tema do trabalho passou a ser um só e tomei emprestado um termo de Paulo Lima para batizar o livro que estava começando: “**Barroco Rebolado**”, um título inteligente, expressivo, malicioso, extremamente adequado e que sabe alinhar alusões à seriedade histórica e religiosa do tema com aquele “pouquinho de irreverência” que torna a vida mais bela, divertida e excitante.

Sélio Robatto